

## Capítulo 8

### O Evangelho Plantado Na Samaria. At. 8. 1-25.

O sepultamento de Estêvão e o ódio de Saulo: *V. 1) Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria. 2) Alguns homens piedosos sepultaram a Estêvão e fizeram grande pranto sobre eles. 3) Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.* O jovem Saulo fora testemunha do apedrejamento de Estêvão, e considerara uma honra guardar as roupas dos homens que começaram com o apedrejamento, cap. 7. 58. Aqui é expressamente dito que Saulo consentiu na morte de Estêvão; sentiu grande satisfação, grande prazer em sua morte, que ele aprovou com grande alegria. E o seu sentimento foi compartilhado pelos seus companheiros fariseus, que agora começaram uma perseguição que envolveu a congregação inteira, e que tinha como objetivo, se possível, exterminar a igreja de Jesus. O resultado foi uma dispersão generalizada e um espalhar dos discípulos de Jerusalém para as várias províncias judaicas, em especial para a própria Judéia, as regiões rurais ao redor de Jerusalém, mas também para as regiões da Samaria. Cf. cap. 1. 8. O que levou estes primeiros discípulos a fugir, não foi o medo do martírio e da morte, mas a expressa ordem de Cristo, Mt. 10. 23. “Se tivessem fugido de medo da morte, então teriam tido o cuidado em não provocar que a perseguição os seguisse por causa da continuação da proclamação das mesmas verdades que a provocaram no primeiro caso.”<sup>1)</sup> Tão somente os apóstolos permaneceram em Jerusalém. O pequeno remanescente da congregação, que precisou a ficar em Jerusalém, consistia, muito provavelmente, daqueles que estavam na maior necessidade de ensino e conforto da palavra. Quando um pastor abandona seu posto em tempo de perseguição, quando o perigo ameaça seus membros como também a ele mesmo, isso na maioria das vezes redundava em evidente infidelidade. Enquanto isto, porém, antes que ocorresse a geral dispersão dos discípulos, foi realizado de modo apropriado o sepultamento de Estêvão. Homens devotos e pios dentre os companheiros de fé o levaram ao seu último lugar de repouso e cuidaram de tudo quanto pertencia ao seu sepultamento. A seguir fizeram uma grande lamentação sobre ele, provavelmente batendo no peito e nas cabeças em sinal de seu luto profundo. É completamente do agrado do Senhor quando cristãos sepultam honradamente seus mortos, e o lamento sobre a morte dos queridos, quando contido nos limites corretos, foi santificado pelas lágrimas do próprio Jesus junto ao túmulo de Lázaro. Mas todos estes fatos, mesmo que já fossem conhecidos a Saulo e, em parte, estavam projetados na natureza dum protesto contra o assassino de Estêvão, não o impressionaram. Se algo aconteceu, foi que ele se tornou ainda mais irracional e furioso em seu ódio contra Cristo e a igreja. Ele, de modo incessante mas continuamente, assolava, devastava, a igreja, semelhante a um exército hostil que em seu curso espalha ruína e devastação, Sl. 80. 13. Para fazer isto, ele entrou em toda casa conhecida como pertencendo a um cristão, em especial naquelas casas que serviam como lugares para assembleias cristãs. E tanto homens como mulheres que então encontrava, ele arrastava, ou os puxava com força, como se os preparassem para um julgamento, e os encerrava na prisão, tendo o consentimento das autoridades para entregá-los ao cuidado dos carcereiros. Esta perseguição foi o primeiro teste real ao qual foram sujeitos os membros da congregação de Jerusalém. Até este momento tudo fora um crescimento pacífico; mas agora a tempestade devia provar a força da jovem planta, bem como a cada galho e broto da tenra haste.

A obra missionária dos discípulos e de Filipe: *V. 4) Entrementes os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra. 5) Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo. 6) As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. 7) Pois os espíritos imundos de muitos possesores saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados. 8) E houve grande alegria naquela cidade.* Enquanto os apóstolos permaneceram em Jerusalém tendo consigo um pequeno remanescente da anterior imensa congregação, escapando de qualquer injúria pessoal,

<sup>1)</sup> 25) Clarke, *Commentary*, 5. 738.

provavelmente, tão somente por causa dum medo supersticioso diante do seu poder de realizar milagres, aqueles discípulos que pela perseguição haviam sido expulsos de Jerusalém, sempre estiveram lembrados da ordem de seu Senhor Jesus. Dirigiram-se em todas as direções; e onde quer que chegavam, trouxeram consigo a alegre mensagem da Palavra, do gracioso evangelho do Salvador. Notemos: Os homens que saíram neste tempo não foram membros da equipe de ensino da congregação, eram os assim chamados membros leigos, e ainda assim trouxeram a mensagem do evangelho aonde quer que fossem. Cada cristão, fosse ele douto ou iletrado, pode e deve dar testemunho da fé que está em seu coração, e tentar, desta forma, conseguir almas para o Salvador. Mas em todos estes empenhos missionários o trabalho de um homem sobressaiu muitíssimo, a saber, o de Filipe, que foi um dos sete auxiliares eleitos pela congregação, cap. 6. 5. Tendo sua obra de diácono terminado em Jerusalém por causa da perseguição, ele se tornou evangelista. Dirigiu-se a uma das cidades da região de Samaria, ou, o que parece mais evidente, à cidade de Samaria que foi Sebaste, que era a capital do próprio distrito. O tópico de sua pregação foi sempre o mesmo, aquele um assunto que jamais pode ser demais ou com demasiado fervor: Cristo, o Salvador do mundo. E esta simples pregação evangélica sobre o Messias teve seu efeito. Este teve uma recepção melhor do que no caso dos judeus, a cuja presunção a palavra da cruz sempre foi uma ofensa. As multidões que se juntaram a Filipe cuidadosamente prestaram atenção às coisas que eram proferidas por Filipe, estiveram de comum acordo. A evidência associada à pregação que ouviram, e os sinais que ele realizou como prova da missão divina do evangelho, foi tão poderosa que convenceu grande número deles. Pois muitos endemoninhados foram libertos de espíritos maus, que foram os espíritos imundos que haviam tomado posse deles, ainda que os espíritos protestassem em altos gritos quando foram expulsos, e também muitos paralíticos e aleijados foram curados. Notemos a distinção que também aqui é feita entre a expulsão de demônios e a cura de pessoas enfermas. A descrição de Lucas mostra que ele esteve bem informado com a natureza das duas aflições, e que ele diferenciou sabiamente. A consequência de todos estes fatos foi que houve grande alegria em toda aquela cidade. Foi um tempo de bênçãos tanto para o corpo como para a alma. Filipe não pertenceu à tribo dos modernos pregadores sensacionalistas com a destreza de eletrizar as massas; nenhum dos truques deles foi empregado por ele. Foi a pregação de Cristo que efetuou a nova condição, servindo os milagres unicamente só para maior confirmação.

A conversão de Simão: *V. 9) Ora, havia certo homem, chamado Simão, que ali praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria, insinuando ser ele grande vulto; 10) ao qual todos davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder. 11) Aderiam a ele porque havia muito os iludira com mágicas. 12) Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizara a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres. 13) O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados.* Aqui Lucas adiciona um pouquinho da história local que destaca de modo ainda mais vigoroso a vitória do evangelho. Antes que estes eventos houvessem aparecido, houve lá certo homem, cujo nome era Simão, o qual praticara as artes mágicas e que conseguira que o povo da cidade e da região ficasse tão impressionado com seus truques e prestidigitação diabólica a ponto de chegar à estupefação. Ele se proclamava, segundo a característica humildade das pessoas de seu tipo, como sendo algo grande, como possuindo encantamentos e poderes acima da habilidade natural. Ele praticava magias e encantamentos, tantas vezes usados no oriente tanto por charlatões como por reais praticantes de magias, que, pelo auxílio do diabo, são capazes para realizar façanhas que têm a aparência de milagres. As pessoas estiveram tão impressionadas, que consideraram Simão como uma manifestação do poder divino em forma humana. Por isso o chamaram “Poder de Deus que é chamado Grande”, ou seja, alguém que era muito conspicuamente grande e divino, possuindo poderes que são peculiares a Deus.<sup>2)</sup> Os samaritanos fizeram tudo isto, porque Simão, durante muito tempo, os enfeitiçara com seus truques mágicos. Haviam colocado sua própria edificação sobre seus atos, e haviam crido em suas palavras. Tudo isto foi mudado com a vinda de Filipe. Pois, quando este

---

<sup>2)</sup>26) Ramsay, *The Bearing of Recent Discovery*, 117, 118.

pregou o evangelho a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, quando este trouxe a este povo obscurecido aquela uma mensagem que lhes pudesse trazer a paz de consciência e a bendita certeza de salvação, então os samaritanos creram, em seus corações foi operada a fé no Salvador, e eles buscaram e receberam o batismo, que é o sacramento que sela tanto a homens como a mulheres o perdão dos pecados adquirido por Cristo. Notemos: Todos os truques mágicos, mesmo aqueles que são realizados com o auxílio do diabo, não têm qualquer objetivo proveitoso, sendo unicamente feitos para despertar vã curiosidade. Doutro lado, os milagres, tanto os que são narrados nas Escrituras, como os que o Senhor realiza até hoje, sempre são benfazejos e dignos do poder divino. Quando Simão, de modo tão repentino e completo, perdeu sua anterior adesão, também foi ver e ouvir a Filipe, e também ele foi levado à fé. Também ele, com o resto do povo, foi batizado e foi-lhe selada a promessa de Deus. À base do relato de Lucas, não há qualquer razão para neste momento colocar em dúvida a realidade da conversão de Simão. Isto foi uma prova vibrante do evangelho a respeito de Jesus o Messias. E Simão, aquele que causara espanto em outros, foi ele aqui mesmo dominado completamente de estupefação quando se tornou um espectador interessado dos sinais e dos grandes milagres que eram realizados diante de seus olhos. Notemos: O diabo, não poucas vezes, pode, porque Deus o permite, ter sucesso em seduzir homens por meio de seus falsos milagres e truques de prestidigitação, mas sempre que o poder de Deus se agiganta à guisa de contraste, então ele e todos os seus servos são humilhados diante daquele que é o mais poderoso.

Dons especiais do Espírito Santo: *V. 14) Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; 15) os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; 16) porquanto não havia ainda decidido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus. 17) Então lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.* Os apóstolos nunca se incumbiram do exercício de poderes hierárquicos e de assumir uma jurisdição que não haviam recebido. Mas por Cristo haviam sido comissionados como os mestres para todas as nações e por isso estiveram desejosos para estabelecer verdadeira unidade de fé nas congregações, não interessando o lugar onde tivessem sido estabelecidas. Foi um detalhe muito importante no progresso do cristianismo, que pessoas fora da aliança do Antigo Testamento recebessem o evangelho e fossem acrescentadas à igreja de Cristo. Por isso, quando os apóstolos receberam a notícia que a Samaria recebera a palavra de Deus, que seu povo professara adesão ao Redentor, então enviaram Pedro e João como seus representantes pessoais para descobrir a verdade do relato e, no caso positivo, estabelecer os laços de união fraterna. Tendo o fato do relatório sido estabelecido, Pedro e João não somente estenderam a mão da comunhão à igreja samaritana, mas também transmitiram a estes novos convertidos os dons maravilhosos que eles próprios haviam recebido. Os samaritanos haviam sido batizados, e por isso estiveram na total posse do perdão de Deus, bem como do Espírito que santifica, Mc. 16. 16; At. 2. 38. Agora, porém, foram equipados com dons extraordinários, com o poder de realizar milagres, de falar em línguas estranhas, de profetizar e dar provas peculiares da onipotência e da divina majestade do Espírito.<sup>3)</sup> Estas manifestações extraordinárias ainda não haviam sido concedidas a estes cristãos, ainda que no e pelo batismo lhes pertenciam todos estes dons. Agora, porém, estes poderes lhes foram transmitidos pela imposição de mãos, pois fazia parte do plano do Senhor usar milagres e sinais para confirmar a pregação do evangelho na igreja antiga. “O propósito desses dons, e a maneira em que eram exercidos na congregação, são destacados plenamente por Paulo em 1.Co. 12-14. Estes dons serviram a um objetivo temporal, até que os fatos, doutrina, mandamentos e promessas da nova aliança, foram entregues por escrito por homens inspirados, quando as profecias, línguas e o conhecimento miraculoso de mestres individuais deu lugar à palavra escrita.”<sup>4)</sup>

O pedido blasfemo de Simão: *V. 18) Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, 19) propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo. 20) Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus. 21) Não tens parte nem sorte*

<sup>3)</sup> 27) Lutero, 12. 143.

<sup>4)</sup> 28) McGarvey, *New Commentary on Acts*, 145.

*neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. 22) Arrepende-te, pois, da tua maldade, e roga ao Senhor; talvez que te seja perdoado o intento do coração; 23) pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade. 24) Respondendo, porém, Simão lhes pediu: Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim. 25) Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém, e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos.* No começo a fé de Simão o Mágico, sem dúvida, o suficiente real, e que ele não agira de modo hipócrita quando pediu para ser batizado. Aqui, porém, houve dois fatores que foram fortes demais para a jovem planta em seu coração. Antes de tudo, ele não fora incluído no número daqueles a quem foi concedida a extraordinária comunicação do poder do Espírito. Em segundo lugar, seu testemunhar desta operação acordara nele o antigo amor ao dinheiro e pela influência sobre outros. A combinação destes fatos foi forte demais para ele, e ele perdeu sua fé. Quando viu que Pedro transmitia o dom milagroso do Espírito por meio da imposição de mãos, ele apresentou dinheiro e o ofereceu aos apóstolos, com o pedido que também a ele dessem este poder, que era o de conceder o Espírito Santo pela imposição de mãos. Simão esteve certo quando chamou este dom um poder, mas esteve errado quando pensou que fosse uma mercadoria de permuta e venda. Ele, em seu negócio anterior, pode talvez ter comprado muitos segredos de bruxaria de outros mestres, e por isso concluiu que a mesma linha podia ser seguida também neste exemplo. Mas foi um blasfemo pedido de cobiça, e seu pecado, desde então, tem sido conhecido como simonia. “A simonia, propriamente chamada como tal, é quando alguém compra ou vende um ofício, posse, dom ou poder espiritual por dinheiro, como o fez Simão o Mágico. Quando este viu que o Espírito Santo foi dado pela imposição de mãos dos apóstolos, ele lhes ofereceu dinheiro e disse: Daí também a mim este poder, para que, quando eu impuser minhas mãos sobre alguém, ele receba o Espírito Santo; desejando desta forma que tivesse o Espírito Santo, depois de tê-lo comprado por dinheiro, em seu poder, para que fizesse o que a ele agradasse.”<sup>5)</sup> O pedido infame de Simão mago provocou o ressentimento impulsivo de Pedro. Ele lhe diz, cheio de correta indignação: Teu dinheiro seja contigo para a condenação! É da parte de Pedro uma violenta expressão de repugnância para que qualquer um até pudesse pensar que por meio de tais pensamentos blasfemos fosse profanado o dom mais maravilhoso que há no mundo. Que Simão tivesse concebido a idéia que um dom gracioso de Deus pudesse ser comprado por dinheiro mostrou que ele interpretou completamente errado a fonte e o significado do poder que desejou. Por isso Pedro lhe diz que ele nem tem parte nem sorte (parte) neste assunto, que não podia esperar participação nem na posse do dom com os fiéis, e nem no seu ministério com qualquer um dos discípulos. A demanda de Pedro o coloca totalmente fora do âmbito da igreja; mostrou que seu coração não foi sincero em sua confissão do cristianismo, não podia ficar sem culpa diante de Deus. Nestas circunstâncias havia só um curso aconselhável, a saber, que ele se arrependa de sua perversidade, mude seu coração para uma condição que fosse do agrado de Deus. Devia rogar, imediatamente, ao Senhor, com quem unicamente é possível perdão, para que lhe perdoasse a idéia blasfema de seu coração. As palavras de Pedro não tornam como algo duvidoso o assunto do perdão depois dum arrependimento sincero, ele, porém, sublinha a necessidade de ser sincero em relação a este ofensa tão grave. Não bastaria um mero arrependimento de lábios diante dos olhos do Deus onisciente. E a seriedade da situação é sublinhada ainda mais, quando Pedro diz que ele percebe que Simão mago está na intensa, maldosa e venenosa amargura de fel e absinto e que se agarra firmemente nos laços da injustiça. Parece que com Simão aconteceu como na história do homem do qual havia sido expulso o espírito imundo, que retornou com sete outros ainda piores do que ele. Não o falar em rodeios, mas a pregação da lei em toda sua inflexível severidade foi exigida pela situação, e Pedro agiu de conforme. Esta fala fulminante de Pedro certamente teve algum efeito, a saber, o de aterrar completamente a Simão, no que dizia respeito aos resultados dos seus pecados. Ele rogou que os apóstolos orassem por ele para que nenhuma destas coisas das quais Pedro falar o atingisse. Suas palavras indicam medo diante dos resultados do pecado, não, porém, alguma mudança de coração por meio de verdadeiro arrependimento. Isso é tudo quanto o registro inspirado diz sobre o assunto, e, mesmo que tradições do segundo século tenham acrescentado muito material legendário, isso não parece confiável. A história, tal como está, contém algumas

---

<sup>5)</sup> 29) Lutero, *I. 1618*.

lições muito sérias. Simão mago é um tipo dos crentes temporários, daqueles que em fé se voltaram a Cristo, mas não se estabeleceram firmemente, e sucumbiram ante a primeira tentação. O exemplo de Pedro mostra como se deve lidar com tais pessoas quando são desmascarados. A perversão e hipocrisia de seus corações precisam ser repreendidas com toda seriedade para que, pela graça de Deus, verdadeiro arrependimento possa ser operado nelas para a salvação de suas almas. Depois deste incidente tão desagradável os apóstolos voltaram ao verdadeiro trabalho para o qual se haviam decidido. Do modo mais convincente deram testemunho de Cristo; proclamaram a palavra do Senhor, realizando assim a obra de testemunho e ensino, assim como o Senhor lhes ordenara. A seguir, tendo concluído o objetivo de sua viagem, iniciaram seu retorno a Jerusalém. Mas fizeram a viagem aos poucos, que os capacitou a pregar o evangelho em muitas vilas dos samaritanos fora da capital do distrito. Seus corações estiveram cheios de verdadeiro zelo missionário, que não permite que seja omitida qualquer oportunidade de espalhar o evangelho. Tal como o Senhor predissera, foi uma época de alegre colheita, Jo. 4. 37. Semelhantes tempos de despertamento e colheita espiritual, desde então, têm sido registrados mais do que uma vez. Em tais casos parece que o Senhor chama grandes massas de pessoas ao mesmo tempo. O efeito e o sucesso da pregação do evangelho estão em suas mãos, o que é um fato que conforta a todos os trabalhadores na vinha do Senhor.

O Eunuco Etíope. At. 26-40.

O comissionamento divino de Filipe: *V. 26) Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para a banda do sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto. Ele se levantou e foi. 27) Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém, 28) estava de volta, e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías.* A congregação de Samaria havia sido estabelecida e equipada tão plenamente, por meio da visita de Pedro e João, com dons especiais do Espírito, que Filipe muito bem podia ser cedido para um outro trabalho missionário. Por isso um anjo do Senhor, um daqueles mensageiros especiais dos quais o Senhor se utiliza para executar a obra do seu reino, falou a Filipe, sendo irrelevante se de noite num sonho ou se de dia numa visão. Ele teve uma ordem especial para o evangelista. Aquele que acabara de pregar o evangelho a centenas e milhares devia ser enviado para longe para abrir as Escrituras a uma única alma. Filipe devia levantar-se e aprontar-se imediatamente, e viajar diretamente para o sul dirigindo-se da Samaria pela estrada que leva de Jerusalém (a uns 800 metros acima) para Gaza, antigamente uma cidade dos filisteus, que ficava a poucos quilômetros do Mediterrâneo. Havia uma estrada romana, construída provavelmente para fins militares, que passava de Jerusalém quase que diretamente para sudoeste e ia por Gaza para o Egito. Esta estrada, em grande parte, ia por lugares desertos, distritos comparativamente desabitados. A obediência de Filipe foi imediata e implícita; agiu conforme a palavra do anjo. Filipe, pelo arranjo de Deus, ou encontrou a estrada ou viajava pela estrada que o anjo lhe designara, quando uma carruagem o acompanhou. Um homem etíope estava sentado neste veículo. Era um eunuco, que era um oficial poderoso da rainha Candace, sendo seu ministro das finanças ou seu secretário do tesouro do estado. Ainda que fosse um eunuco e, como tal, barrado da qualidade de verdadeiro membro da congregação judaica, Dt. 23. 1, muito provavelmente podia ser um prosélito da porta e ser admitido no pátio dos gentios a fim de realizar seus atos de adoração. Ele estava a serviço da rainha da Etiópia, a rainha da Núbia, cujo título oficial foi Candace,<sup>6)</sup> e fizera a longa viagem com o objetivo expresso de atender suas obrigações religiosas. É difícil dizer se subira na época sem festas, ou se enquanto isto veio o outono do ano, com suas festas de ano novo, do dia da expiação, e a festa dos tabernáculos, o que provavelmente foi o que aconteceu. O eunuco, quando voltava para casa, ocupava seu tempo da melhor maneira possível. Sentado em sua carruagem, lia o livro do profeta Isaías, muito provavelmente em voz alta, como é o costume oriental, v. 30, e tentando também alcançar o significado do texto. Nisso ele dá um exemplo que muito bem pode ser seguido em nossos dias. Os cristãos de nossos dias, em muitos casos, não lêem a Bíblia nem em casa nem em qualquer outro lugar, enquanto que este prosélito gentio não se envergonhou de lê-la em

<sup>6)</sup> 30) Barton, *Archeology and the Bible*, 33.

estrada pública. Não foi o texto original hebraico que estava estudando, mas a assim chamada Septuaginta, ou tradução grega, que fora confeccionada no Egito quase dois séculos antes.

O texto de Isaías: *V. 29) Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro, e acompanha-o* 30) *Correndo, Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías, e perguntou: Compreendes o que vens lendo?* 31) *Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar? E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele.* 32) *Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta: Foi levado como ovelha ao matadouro; e como um cordeiro, mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abre a sua boca.* 33) *Na sua humilhação lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada.* Filipe seguiu a ordem do anjo; dirigira-se ao lugar para o qual fora orientado, e esteve pronto para outras orientações. Estas lhe foram dadas pela incitação do Espírito, que lhe disse que, quando a carruagem passasse, ficasse perto, ou seja, à distância de poder ouvir ou a uma distância em que ele pudesse escutar. E quando Filipe correu para perto da carruagem, pôde escutar as palavras que o eunuco lia para si mesmo, bem como reconhecer a passagem donde foram tomadas. A pergunta com ele se apresentou, não foi numa maneira petulante, como se tem afirmado, mas uma forma planejada para descobrir a posição e convicção religiosa do homem: Realmente entendes o que lêes? Esta é uma pergunta que todos os leitores da Bíblia devem guardar em mente; pois há demais leitura superficial das meras palavras em vez duma intenção sincera de alcançar a relação e o significado de cada passagem. A resposta foi: Como, pensas tu, que poderia eu ser capaz, se não há quem me mostra como? Isto não significa que a Bíblia não pode ser entendida sem uma interpretação dada por alguém superior, mas simplesmente mostra que um iniciante no estudo da Palavra, alguém que ainda não conseguiu comparar com cuidado a profecia e o cumprimento, fará bem em ter o auxílio de alguma ajuda na comparação de passagens paralelas e no salientar da conexão. As poucas passagens realmente escuras da Bíblia são devido à nossa falta dum conhecimento adequado das línguas originais e outras razões semelhantes; mas nenhuma destas passagens diz respeito a qualquer certeza da salvação das almas ou à qualquer outra doutrina fundamental. Agora o Eunuco convidou com insistência a Filipe para que assentasse ao seu lado na carruagem. A passagem que neste exato momento preocupava ao leitor foi o belo trecho de Is. 53. 7, 8. Nela é dito a respeito do Messias, que ele foi levado como uma ovelha para a matança, que, como uma ovelha está calada diante do tosquiador, assim ele não abriu sua boca. Isto foi escrito do grande Cordeiro de Deus, em seu ministério de tirar os pecados do mundo. Em sua humilhação seu juízo foi tirado: em sua opressão, quando a ira do Pai o atingira, como o Substituto que era de toda a humanidade, então o juízo inteiro foi nele cumprido, e nós, por causa disso, já não mais precisamos temer nem o juízo e nem a condenação, visto que a força deles foi descarregada em Cristo. Quem declarará sua geração?: Ele foi exaltado ao céu, e agora, mesmo conforme sua humanidade, seus dias não têm fim, mas ele tem a glória eterna como sua posse; pois sua vida foi tirada da terra: repentinamente esta lhe foi tirada, por meio da morte assassina na cruz; mas seu resultado foi a eterna salvação, e a glorificação final em favor dos que crêem. Este foi o evangelho do Antigo Testamento, que é um relato belo e claro do sacrifício do Messias, mas que estava oculto aos ouvidos do eunuco, porque ele não soube seu cumprimento.

O batismo do eunuco: *V. 34) Então o eunuco disse a Filipe: Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?* 35) *Então Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus.* 36) *Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis aqui água, que impede que seja eu batizado?* 37) *Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.* 38) *Então mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco.* 39) *Quando saíram da água o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho; cheio de júbilo.* 40) *Mas Filipe veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia.* Podemos imaginar bem a cena: Um belo dia de outono, de ambos os lados se estendia a planície desabitada, o condutor da carruagem sonolento ao longo da estrada, os dois homens estudando atentamente o rolo sagrado. Notemos que Lucas se refere aos conteúdos da passagem da Escritura como de um conjunto fixo, um livro que com este nome era conhecido a todos os judeus. Tendo lido mais uma vez em conjunto a passagem em questão, o eunuco perguntou a Filipe se o profeta aqui falava de si mesmo ou se referia a

alguém outro. Seu conhecimento da profecia e a instrução que tivera não o capacitaram para determinar este ponto importante. E Filipe, tomado daquela alegria que o missionário sente quando encontra uma pessoa que pergunta pela verdade, começou uma longa conversa. Dificilmente poderia ter achado um texto mais apropriado para expor seu importante assunto, pois seu assunto foi Jesus e a maravilhosa mensagem sobre ele. Começando com os muitos textos claros e belos do Antigo Testamento, teve ele uma ótima oportunidade para lhe mostrar o cumprimento da profecia em Jesus de Nazaré. Sem dúvida, ele também falou do grande comissionamento do Senhor que ele confiou aos seus discípulos, “de fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, Mt. 28. 19. E enquanto Filipe ainda descrevia em cores fulgurantes as glórias de Cristo, a carruagem se aproximou daqueles pequenos córregos ou poços que, nem mesmo na estação seca, conservam alguma água. E o eunuco, com algum desejo e também temor, aponta a água e pergunta se por acaso ainda havia algo que impedia que ele fosse batizado. A isto Filipe faz a pergunta que é fundamental e qualquer fórmula correta para o batismo, dizendo que seu desejo muito bem poderia ser concedido caso ele cresse de todo o coração. E o eunuco, cheio da doçura e beleza da proclamação do evangelho, que acabara de ouvir, expressa sua confissão: Eu creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus: uma fórmula breve, mas compreensiva, equivalendo-se a uma confissão no Deus trino. O oficial, a seguir, ordenou que a carruagem parasse, e tanto Filipe como o eunuco desceram para, ou dentro da, água, onde o último foi batizado, o que aconteceu provavelmente por derramamento ou por imersão. Não há qualquer peso no método ou na forma do batismo, enquanto é usada água a qual são aplicadas as palavras da instituição. E quando os dois saíram da água, o Senhor, o Espírito do Senhor, operou um milagre pelo afastamento repentino de Filipe do lado do eunuco e sua visão. Este, porém, já não mais dependia deste mestre; ouvira os fatos essenciais que daqui para frente o capacitaram para comparar o Antigo Testamento com o Novo, e por isso foi seu caminho rejubilando. Diz a antiga tradição que o eunuco trouxe a gloriosa notícia do evangelho ao povo de sua terra, e que assim se tornou o fundador da igreja da Abissínia. Ainda que este relato possa ser verdadeiro, o que é certo é que ele, ao menos pessoalmente, achara seu Salvador. Quanto a Filipe, foi levado, e então encontrado, em Azoto, a Asdode do Antigo Testamento, que outra das antigas cidades dos filisteus. Começando com este povoado, ele calmamente viajou pela costa do Mediterrâneo, pregando o evangelho em qualquer lugar por onde fosse, até que alcançou a cidade de Cesaréia, que ficava a meio caminho entre as presentes cidades de Jafa e Haifa. Notemos: O Cristo exaltado fixa a rota do evangelho, se deve ser pregado em cidades populosas ou em lugares comparativamente desabitados. Nosso encargo é seguir suas indicações e sermos guiados pelas circunstâncias tal como ele as coloca à nossa frente, pois o fim é a salvação de almas.

**Resumo:** Devido à perseguição da congregação em Jerusalém, o evangelho é espalhado fora da cidade, Filipe funda a igreja na Samaria, que é estabelecida depois duma visita de Pedro e João, enquanto Filipe é enviado para ensinar o evangelho ao eunuco etíope e batizá-lo.

## Capítulo 9

### *A Conversão E As Primeiras Atividades De Paulo.* At. 9. 1-31.

A Continuada inimizade de Paulo contra a igreja: *V. 1) Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote, 2) e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém.* Em marcante contraste aos sinceros esforços de Filipe na edificação da igreja de Cristo, temos aqui as atividades hostis e destrutivas de Saulo. A sua hostilidade, com o passar do tempo, longe de se acalmar, se inflamou tornando-se ainda mais feroz e violento. Este estado de alma se lhe tornara tão comum, que ele até respirava ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor. Esta era a atmosfera que ele respirava, em que vivia. As próprias ameaças em si já foram uma vil transgressão do quinto mandamento, mas ele também as seguia com perseverança cometendo assassinatos; a todos os discípulos que conseguia capturar ele os entregava a prisão e à morte.

Seu pior pecado, todavia, consistiu nisso que ele por meio desta oposição e perseguição blasfemava o nome do Senhor. O maior prazer de Saulo, naquele tempo, teria sido, se, num só dia, pudesse destruir tanto a Cristo como ao cristianismo, tivesse ele sido capaz disso, 1. Tm. 1. 13; Fl. 3. 6; Gl. 1. 13; 1.Co. 15. 9.)<sup>7)</sup> Tendo esta disposição de alma, ele se dirigiu ao sumo sacerdote e com sinceridade pediu-lhe cartas, ou credenciais que expusessem sua autorização em nome do sinédrio de Jerusalém. Pois, veio-o à mente o fato que congregações cristãs estavam sendo estabelecidas em outros lugares, sendo um assunto que não o deixava em paz. Damasco possuía uma grande população judaica e foi a mais próxima cidade estrangeira de importância. Frear a difusão do evangelho nesta cidade seria uma grande vitória para os judeus. O sinédrio possuía naquela época, mesmo sob o governo romano, grande poder e jurisdição, tanto civil como criminal. Não só podia realizar prisões por meio de seus próprios oficiais, mas também podia julgar casos em que não era envolvida a pena de morte. E as autoridades de Damasco não estiveram dispostas para impedir estas atividades, enquanto confinadas aos judeus. Por isso, o plano de Saulo foi que suas credenciais fossem dirigidas para todas as sinagogas de Damasco, para que tivesse plena jurisdição de agir. Por isso, caso achasse quaisquer pessoas, fossem homens ou mulheres, “deste caminho”, apegadas a esta nova doutrina, tal como ele julgava, tinha o desejo de levá-las presas a Jerusalém. Notemos: A oposição dos inimigos veementes de Cristo em nossos dias talvez não seja capaz de se mostrar exatamente desta forma, mas eles empregam os motivos mas inconsistentes para perseguir a igreja de Cristo. Tal como Saulo, o fariseu, procurou estabelecer sua própria justiça em oposição à justiça de Jesus de Nazaré, e assim se tornou o inimigo mais perigoso de Cristo, assim também os fariseus modernos se ofendem com a pregação da salvação pelo sangue do Cristo crucificado.

A visão milagrosa: *V. 3) Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, 4) e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? 5) Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; 6) mas, levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer.* Saulo, tendo obtido prontamente as cartas que desejou, não perdeu tempo para deixar Jerusalém. Teve de viajar uns 225 quilômetros quase sempre na direção nordeste, a fim de alcançar seu destino. Pois Damasco foi a antiga capital da província da Síria, situada a uns 125 quilômetros do Mediterrâneo, do qual era separada pelas cordilheiras do Líbano e Anti-Líbano. O rio Abana passa por ela, e o rio Farfar passava a poucos quilômetros ao sul de seus muros. Damasco é uma das cidades mais antigas do mundo, sendo dito que foi fundada por Uz, o neto de Sem, e um conhecido de Abraão, Gn. 15. 15. Sempre foi um importante centro comercial, sendo também conhecida por suas fábricas. A viagem, que pela caravana podia ser feita através da Samaria e da Galiléia, ou pela estrada romana por Jericó e através da Peréia e de Decápolis, durava uns sete ou oito dias. Um fato se destaca, com uma certeza inegável, a saber, que dificilmente pode ser imaginado um estado de espírito menos favorável por conversão do que o de Saulo, quando partiu para sua furiosa expedição. Estava no fundo da obscuridade e incredulidade farisaica, detestando o próprio nome de Cristo e tomado de indignação e ódio contra aqueles que confessavam crer neste nome. Mas o modo do Senhor para agir com os casos mais desesperados e os inimigos mais obstinados excede a compreensão humana. Pois era meio-dia do último dia da viagem, tendo os viajores já deixado para trás o cume nevado do Monte Hermom, e podiam ser capazes de ver na distância a cidade de Damasco à sua frente, que de repente, sem qualquer aviso, brilhou ao redor de Saulo um luz extremamente brilhante do céu, que era tão brilhante que o deixou cego. Percebendo que acontecia um milagre, ele caiu ao chão e desamparado de terror. Saulo, antes que a escuridão lhe sobreveio, viu nesta luz a Cristo, o Crucificado, 1. Co. 9. 1. E, quando já caído no chão, ouviu e percebeu claramente uma voz, que solenemente o chamou: Saulo, Saulo, por que persegues tu a mim? Saulo, tomado de medo e tremendo perguntou: “Quem és tu, Senhor?” seja porque não conseguiu distinguir da voz se era Estêvão ou alguma outra vítima que falava, ou porque quis ter certeza que não estava envolvido por uma alucinação. Agora o Senhor se revelou plenamente como Jesus para Saulo, ao qual ele estava perseguindo por seu atual modo de proceder e por suas medidas proposta contra os crentes em seu nome. Os fatos foram fixados de

---

<sup>7)</sup> 31) Lutero, 12. 1152; 13<sup>a</sup>. 1093.

tal modo na mente e no coração de Saulo, que a união entre Cristo e sua igreja é perfeita e duradoura, e que por isso a perseguição dos cristãos foi também uma perseguição ao próprio Cristo. E imediatamente se manifestou o amor profundo de Jesus em seu brado advertente e súplice: Será duro para ti golpear contra as agulhadas, que é uma figura buscada do tocar os bois por meio de espetos agudos, contra os quais estes, em certas ocasiões, tentem coicear. Soara a hora da conversão. “Pois não há algum coração tão forte, mesmo que fosse tão só diamante de pederneira, que pudesse resistir e que não precisasse rebentar.”<sup>8)</sup> O inimigo fora vencido, porque o Mais Forte lhe sobreviera e mudara sua mente e seu coração; o Senhor se revelara a ele, Gl. 1. 16. Agora Saulo, cheio de tremor e espanto, tem em mente um único propósito, o de fazer a vontade do Senhor, e pede ao Senhor sobre o que deseja que ele faça. “Deste modo também devíamos aprender a adaptar-nos corretamente, confessar e abandonar de nossos pecados, crer em Jesus Cristo, e encontrar consolo em seus sofrimentos, e finalmente entregar-nos à correta obediência a Deus, para que por meio de desobediência não caiamos novamente da graça imensa e por meio duma vida impenitente caiamos sob a ira de Deus.”<sup>9)</sup> A seguir o Senhor deu a este recém convertido ensinamentos sobre o seu comportamento, a saber, que se levante e vá para a cidade, onde receberia as informações de que necessitava para orientar seu rumo futuro. “Aqui debes marcar especialmente: Ainda que Deus fala do céu com Paulo, ele ainda assim não quer abolir o ofício da pregação, e nem tornar este um caso extraordinário; mas ele o orienta para a cidade e ao púlpito e ao pregador; ali deve ouvir e aprender o que deve ser aprendido. Pois Deus, nosso Senhor, não deseja estabelecer algo especial para quem quer que seja, mas dá o seu batismo e o evangelho ao mundo inteiro, tanto a um como ao outro. Ali se pode aprender como ser salvo, e não esperar se Deus irá fazer algo novo e se mandará um anjo do céu. Pois é sua vontade que vamos e ouçamos o evangelho da boca daqueles que o pregam; é lá que se o deve achar, e em nenhum outro lugar.”<sup>10)</sup>

O final da visão: *V. 7) Os seus companheiros de viagem pararam, emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, a ninguém. 8) Então se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco. 9) Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu nem bebeu.* Aqui Lucas, pela primeira vez, menciona os companheiros de Saulo, e descreve sua reação. Os homens que o acompanharam pararam estupefatos, quando ocorreu o milagre. Pois ouviram o som da voz, não foram capazes de ver a alguém. Caso juntarmos aqui o testemunho do cap. 22. 6-11 e cap. 26. 13-18, passagens em que o mesmo evento é descrito, obtemos o quadro seguinte. A luz intensa do céu foi vista por todos, mas só a Saulo ocorreu seu efeito imediato que foi o de derrubá-lo por terra. Seus companheiros, por alguns instantes, pararam estupefatos, como que gelidamente inertes de medo e apreensão, e tentando entender o significado da visão. Mas, depois do primeiro susto, seus membros já não mais os queriam sustar, e também caíram por terra. E foi enquanto estiveram prostrados ao chão, que estes homens ouviram a voz, o som de voz de alguém que falava, sendo que Saulo captou cada palavra, mas os demais não ouviram de modo definido, como também não entenderam quem é que falava. E enquanto para Paulo foi claramente revelada a forma de Jesus em meio da luz, os outros só viram a luz e nada mais. Estes companheiros de Saulo puderam, pois, testificar de tanto, a saber, que aparecera uma luz intensa, que do meio dela uma voz foi ouvida, que Saulo ficou cego em consequência do milagre. Agora Saulo se ergueu da terra, mas, quando tentou abrir seus olhos, descobriu que perdera a visão e a nada podia enxergar. Foi preciso que seus companheiros o tomassem pela mão e o guiassem para a cidade. E lá sua cegueira continuou por três dias, tempo em que não comeu nem bebeu. Este foi o resultado da experiência por qual passara, pela qual fora abalado no mais íntimo do seu ser. A conversão duma pessoa nem sempre é acompanhada por tais milagres, como aconteceu no caso de Saulo, contudo o caso é sempre tão milagroso. É o Senhor quem derrota e vence aos pecadores, que são seus inimigos. Sua santa lei os acerta e arremessa ao chão, impele-os ao medo e ao desespero. Ele, contudo, imediatamente segue com a mensagem confortadora do evangelho, quando o milagre é realizado. A resistência e oposição

---

<sup>8)</sup> 32) Luter0, citado em Stoeckhardt, *Biblische Geschichte des Neuen Testaments*, 358.

<sup>9)</sup> 33) Lutero, 13<sup>a</sup>. 1101.

<sup>10)</sup> 34) Lutero. 13<sup>a</sup> 1098.

do coração irregenerado são mudadas numa cordial aceitação do amor de Deus. Este é o milagre da conversão.

O comissionamento de Ananias: *V. 10) Ora, havia em Damasco um discípulo, chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor. 11) Então o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando, 12) e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista.* Em Damasco havia certo discípulo, um daqueles cuja vida e liberdade Saulo quisera destruir. Seu nome é Ananias (“Javé é gracioso), bem mais apropriado do que no caso de seu homônimo, cap. 5. Não pode ser determinado se ele, como alguns comentaristas têm sugerido, tenha sido um presbítero da congregação de Damasco. Foi a este que o Senhor apareceu numa visão e o chamou pelo nome, mas não está expresso, se num sonho de noite ou se de dia numa condição de êxtase. Em obediência imediata, Ananias expressou sua disposição para ouvir a ordem do Senhor, pois naquele que falava ele reconheceu seu Senhor, Jesus Cristo, o Cabeça de sua Igreja. E o Senhor, no mesmo instante, deu-lhe as instruções necessárias e explícitas. Devia levantar-se e dirigir-se à rua que levava o nome Direita, hoje ainda visível numa cidade cheia de ruas tortas e curvas, como a que no trecho de uns mil e quinhentos metros tem apenas algumas curvas leves. Ela se dirige da porta leste para o oeste para o centro da cidade.<sup>11)</sup> Nesta rua morava um homem de nome Judas, e Saulo encontrara alojamento em sua casa. O Senhor orientara Saulo para que fosse à cidade, onde lhe seria dito o que deveria fazer. O homem ferido, por um espaço de três dias, em total escuridão, esperara pela mensagem prometida. Muitas vezes faz parte do plano específico de Deus impor inatividade a uma pessoa, por meio de doença ou duma outra aflição. Num tempo assim o coração tem tempo suficiente para a comunhão sincera e devota com Deus. A nova vida espiritual deu na oração provas de sua presença; conseguia força na oração e também paciência para suportar até ao fim a provação do Senhor. Também a ele fora concedido por meio duma visão, na qual vira exatamente a Ananias, ao qual o Senhor agora falava, que vinha a ele e lhe restaurava a visão pela imposição das mãos. A visão fora concedida a Saulo, em parte, para lhe dar a certeza da cura, em parte, para fazê-lo perceber a mão de Deus em tudo que lhe sobreviera.

Respondida a objeção de Ananias: *V. 13) Ananias, porém, respondeu: Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; 14) e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome. 15) Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; 16) pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.* A obediência de Ananias, quando ouviu o nome Saulo de Tarso, foi colocada sob severa provação pela ordem do Senhor. Ouvira de muitas pessoas a respeito deste homem, a enormidade e quantos e quão variados eram os males que ele fizera aos santos do Senhor em Jerusalém. Notemos o nome honroso “santos”, que aqui, pela primeira vez, é dado aos cristãos, como aqueles que foram purificados e santificados pelo sangue de Jesus. Estes são os seus santos, por ele comprados para serem os seus. Ele é o Redentor deles e seu Deus. Ananias também teve pleno conhecimento que Saulo da parte do sumo sacerdote de Jerusalém teve autoridade e poder para aqui em Damasco pegar e prender a todos aqueles que invocavam o nome de Jesus como seu Senhor e Salvador. Temos aqui outra descrição honrosa dos cristãos, que os caracteriza com exatidão. Eles colocam sua confiança inteira e completa em seu Salvador, um fato que atestam por meio da invocação do seu nome. O Senhor, todavia, imediatamente silenciou as objeções de seu servo, quando lhe repetiu a ordem: Vai! Então afastou todos os temores apreensivos de Ananias, dizendo-lhe que Saulo lhe devia ser um vaso escolhido, um vaso em que, por assim dizer, as riquezas da misericórdia de Deus seriam preservadas para o benefício de muitos. Pois em Saulo de Tarso, neste vaso escolhido, Deus resolvera que seu nome devia ser levado a gentios e reis e aos filhos de Israel. O nome do Senhor Jesus Cristo é semelhante a uma jóia preciosa, para cujo porte ele selecionara e preparara um apropriado porta-jóias. Aqui já foi indicada a missão especial do homem que se tornou depois o apóstolo do Senhor. Seu trabalho principal foi entre os gentios, entre aqueles que segundo a carne não

---

<sup>11)</sup> 35) Barton, *Archeology and the Bible*, 214, fig. 266.

pertenciam aos filhos de Abraão. Mas também devia testificar ante reis e governantes, como aconteceu junto aos governantes de Chipre, da Acaia e da Judéia. Finalmente, sua obra devia incluir seus irmãos segundo a carne. Aqui o Senhor abriu a porta do futuro distante antes os olhos de Ananias, com o objetivo de operar nele a correta prontidão de executar a ordem. Este homem, contudo, não só no testemunho do Senhor seria um vaso vaso bem apropriado e escolhido do Senhor, mas Jesus também quis que ele experimentasse sofrimento por causa de seu nome. Ele já não mais trará sofrimentos aos outros, mas disposto ofereceria suas costas ao peso que o Senhor sabia ser da medida de sua força. Este é o privilégio dos cristãos até o dia de hoje, tanto confessar o nome do Senhor como suportar o opróbrio de Cristo.

O batismo de Saulo: *V. 17) Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos, dizendo: Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo. 18) Imediatamente lhe caíram dos olhos como que escamas, e tornou a ver. A seguir levantou-se e foi batizado. 19) E depois de ter-se alimentado, sentiu-se fortalecido. Então permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos.* As apreensões de Ananias haviam sido removidas pela revelação do Senhor. Deixando sua casa, entrou naquela que o Senhor lhe havia designado. Encontrando a Saulo, imediatamente lhe impôs as mãos para lhe transmitir a recuperação da cegueira, e, ao mesmo tempo, se dirigiu a ele como um irmão cristão. Sua conversão transformara o inimigo e perseguidor furioso nalgum que esteve em verdadeira comunhão e união com todos os cristãos. Ananias explicou a razão de sua visita afirmando que o Senhor o enviara, o mesmo Jesus que se revelara a Saulo quando vinha pela estrada. Agora estava para receber tanto a visão como também ser enchido pelo Espírito Santo. Saulo recebera, por meio de sua conversão, o dom do Espírito Santo, e pela presente imposição de mãos, além de receber a visão, foi lhe dada uma nova e extraordinária medida da luz e do poder do Espírito, bem como o poder de realizar milagres, com o que foi preparado para o ministério ao qual fora escolhido. A visão foi restabelecida a Saulo, como um resultado imediato da imposição das mãos. Caiu de seus olhos um sedimento, ou película, semelhante a escamas, que pode ter sido uma crosta causada por uma inflamação ou um crescimento temporário causado pelo Senhor. E o batismo que seguiu trouxe a recepção do Espírito santo, bem como também sua aceitação formal na igreja cristã. Também Saulo, desta forma, recebeu a certeza e o selo do perdão de seus pecados, cap. 22. 16. Agora passara o tempo de incerteza e de dúvida, e a crise fora superada com segurança. Saulo a seguir aceitou comida e se fortaleceu. Depois de dias de intenso remorso ele encerrou seu jejum. Os cristãos, contrariamente à opinião popular, não se dão a um ascetismo imbecil, mas de modo correto utilizam os dons do Senhor. O recém converso agora foi apresentado aos discípulos, aos membros da congregação de Damasco. De público se juntou às suas fileiras e, fazendo-o, confessou sua fé. Notemos: A desculpa que em certas ocasiões é apresentada, de que as pessoas podem ser ótimas cristãs sem pertencerem à igreja não pode ser sustentada em face do exemplo aqui narrado.

Saulo prega Cristo: *V. 20) E logo pregava nas sinagogas a Jesus, afirmando que este é o Filho de Deus. 21) Ora, todos os que o ouviam estavam atônitos, e diziam: Não é este o que exterminava em Jerusalém aos que invocavam o nome de Jesus, e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes? 22) Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo.* Saulo recebera, por meio da palavra do Senhor através de Ananias e, provavelmente, também por ordem direta de Deus, seu comissionamento como pregador e missionário. E não perdeu tempo para assumir suas obrigações. Rapidamente, tão ligeiro quanto possível, pregou nas sinagogas, anunciando a mensagem, proclamando a Jesus e que este é o Filho de Deus. Provou aos judeus reunidos, que o mesmo Jesus que por eles fora morto, não podia ser outro do que o próprio Messias, o próprio Filho de Deus, do qual falava o Sl. 2. 7. Esta é a grande mensagem do Novo Testamento, é a suma e a substância de toda pregação da pessoa e do ofício do Salvador. O resultado foi que todos aqueles que ouviram Saulo falar ficaram estupefatos de espanto, que expressaram na pergunta perturbada: Não é este o homem que destruiu, que arrasou, em Jerusalém a todos os que invocaram este nome, e que veio cá com o propósito de levá-los preso aos principais sacerdotes? A missão de Saulo se tornara conhecida entre os judeus, talvez por meio de seus companheiros ou por meio de alguma mensagem vinda de Jerusalém, sendo que seu antigo ódio era coisa conhecida por todos. Por isso sua total mudança

foi completamente inexplicável aos seus antigos companheiros. Enquanto isto Saulo, dia a dia, crescia em força espiritual e religiosa, ou seja, em sua compreensão das Escrituras e seu grande tema central, como também em seu poder de aplicar o significado desta maravilhosa notícia à situação que se lhe oferecia. Sempre que teve oportunidade, ele debatia seu tópico inexaurível e confundia os judeus, literalmente, ele os fundia num monte, os confundia, tornando-lhes impossível resistir à sua poderosa exposição e demonstração que este homem Jesus é o Cristo. Ele comprovou esta verdade com a demonstração da concordância entre as predições messiânicas e os fatos históricos na vida de Jesus, sendo que ele testificava disso com base na lealdade e firmeza de suas convicções. O poder do Espírito Santo, presente em sua mensagem, ao lado de sua confiança e alegria, não pôde deixar de fazer uma impressão profunda, tal como acontece em nossos dias.

Saulo em perigo de vida: *V. 23) Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida; 24) porém o plano deles chegou ao conhecimento de Saulo. Dia e noite guardavam também as portas, para o matarem. 25) Mas os seus discípulos tomaram-no de noite e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha.* “Decorridos muitos dias”, significa ao final dum longo período de tempo. Lucas não diz onde ficou Paulo durante este tempo, nem descreve sua atividade, mas é provável que durante este tempo ocorreu a viagem para a Arábia, Gl. 1. 17. Não temos condições para saber, se Saulo esteve envolvido nalguma atividade missionária, ou se o Senhor lhe concedeu um período de preparo especial. Mas Paulo, tendo retornado mais uma vez para Damasco, logo teve que aprender que o espanto de seus compatriotas desaparecera. Os judeus em conjunto planejaram matá-lo, de afastá-lo do caminho da proclamação do evangelho. Ele experimentou algo da atitude hostil e da perseguição que ele mesmo anteriormente mostrara aos discípulos de Jesus. Saulo ficou sabendo da trama de matá-lo e fez planos para a fuga. Os judeus, contudo, calcularam tão bem seus planos, que até ganharam a cooperação do etnarca do rei Aretas, 2. Co. 11. 32, e haviam colocado guardas junto aos portões da cidade, que tinham ordens para matar a Saulo, caso tentasse escapar. Esperaram, sem dúvida, quando o tempo fosse apropriado, não lhes custar muito prendê-lo na cidade. Os discípulos encontraram uma maneira de frustrar aos perseguidores nesta emergência. Acharam uma casa que fora construído junto ao muro, ou até com uma superestrutura apoiada sobre o muro, e lhes foi algo fácil para baixar Saulo numa abertura do muro, usando um grande cesto, igual aos que eram usados pelos vendedores ambulantes para carregar seus produtos. Foi deste modo que os discípulos de Damasco mandaram Saulo embora da cidade e proveram pela sua segurança. Isto aconteceu uns três anos depois de sua conversão, Gl. 1. 18.

Saulo em Jerusalém: *V. 26) Tendo chegado a Jerusalém, procurou juntar-se com os discípulos; todos, porém, o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo. 27) Mas Barnabé tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus. 28) Estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor. 29) Falava e discutia com os helenistas; mas eles procuravam tirar-lhe a vida. 30) Tendo, porém, isto chegado ao conhecimento dos irmãos, levaram-no até Cesaréia, e dali o enviaram para Tarso. 31) A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número.* Saulo havia, três anos antes, deixado Jerusalém, como um inimigo e perseguidor dos discípulos de Cristo. Agora ele retornou para a cidade, sendo ele mesmo perseguido e caçado pelos seus antigos amigos e companheiros. Pode-se acertadamente conjeturar sobre os sentimentos que lhe cruzaram seu coração quando passou pelo lugar onde o Senhor lhe aparecera, ou pelo lugar onde ocorrera o apedrejamento de Estêvão. Mas foi em Jerusalém, no trato dos discípulos, que lhe veio o auge da humilhação. Tentou juntar-se aos membros da congregação, na familiaridade que naqueles dias era a regra entre os discípulos. Mas seus esforços foram vistos com suspeição, visto que era demais conhecido seu anterior modo de viver. Muito provavelmente temiam que Saulo meramente simulava interesse e convicção com o objetivo de ser recebido nos sigilos da congregação para conseguir os nomes das pessoas proeminentes ligadas a ela, somente para prosseguir em seus antigos métodos. Por causa da desconfiança, sentiram que precisavam da melhor forma de provas sobre a sinceridade, tanto sobre sua conversão como da honestidade dos seus motivos para desejar juntar-se a eles. Muitas vezes pode acontecer que um pecado de tempos anteriores, ainda que praticados em parcial ou total ignorância, podem

prejudicar seus anos posteriores, apesar do mais sincero arrependimento. Felizmente esta experiência infeliz de Saulo não durou por longo tempo; pois Barnabé, o antigo levita, cap. 4. 36, que já desde os dias em Tarso pode ter conhecido a Saulo, agora se incumbiu para testemunhar dele. Levou-o aos apóstolos e lhe contou em detalhes como ocorrera a conversão do antigo perseguidor da igreja, quando o próprio Senhor lhe apareceu e lhe falou no caminho, como também que Saulo falara destemidamente em Damasco as grandes verdades do evangelho. Falara de modo tão livre no nome de Jesus, e assim recebera o mesmo comissionamento como os próprios apóstolos. Sua apresentação foi feita a Pedro e Tiago, Gl. 1. 19, estando os outros apóstolos ausentes de Jerusalém ocupados em coisas pertencentes a igreja. Quando Barnabé interferira assim em favor de Saulo, então este último foi reconhecido como irmão, e entrou e saiu na congregação de Jerusalém; teve relacionamento confidencial diário com os apóstolos e os demais irmãos. E Saulo, de modo muito natural, começou também em Jerusalém a pregar de modo desembaraçado em o nome do Senhor. Sentiu-se constrangido a trazer aos outros a mensagem da salvação, cuja glória e conforto ele experimentara, cap. 4. 20. E quando também falou e discutiu com os helenistas, aos quais ele mesmo pertencera, talvez na mesma sinagoga que procurara opor-se à sabedoria de Estêvão, cap. 6. 9, descobriu que estiveram muito amargurados contra ele porque desertara das suas fileiras. Eles, movidos por este sentimento, tentaram matá-lo; na realidade não lhe lançaram as mãos, mas começaram a fazer os preparos para fazê-lo. Por isso foi verdade, que os judeus helenistas não quiseram aceitar o testemunho de Saulo sobre Jesus, cap. 22. 17. Os irmãos resolveram afastar o irmão que tanto estimaram, e impediram o perverso objetivo. Levaram Saulo para Cesaréia junto ao Mediterrâneo, onde teve uma oportunidade para atravessar para a Ásia Menor, para Tarso na Cilícia, sua cidade natal. Parece ter sido a opinião dos irmãos que para Saulo seria melhor esperar em sua própria cidade até ao tempo quando o Senhor lhe designaria algum trabalho definido. Aqui deixamos por algum tempo a Saulo. – Lucas, concluindo esta parte, acrescenta a observação que todas as congregações, a igreja toda, visto que se inimigo mais furioso e mais ardoroso fora vencido, teve descanso, paz e prosperidade, tanto interna como externamente, em toda a Judéia e Galiléia e Samaria. A igreja foi edificada, ou se estabeleceu como uma estrutura sólida; foi plenamente justificado seu direito para existir; seus membros andaram, conduziram todo seu viver, no e através do temor ao Senhor, como aquele resultado da fé que habitava em seus corações; e se encheram com o consolo do Espírito Santo que foi aquele auxílio e amparo prometido por Jesus que se tornou uma realidade, e o resultado também foi visto no número crescente de discípulos. É o Senhor quem edifica sua igreja, seja isto nos dias de luta e opressão como nos dias de paz e prosperidade, e é o consolo de seu Espírito que torna possível o verdadeiro trabalho eclesiástico, causando também o aparecimento de verdadeira e reverente piedade no viver das congregações.

*Dois Milagres Realizados Por Pedro.* At. 9. 32-43.

Pedro em Lida: V. 32) *Passando Pedro por toda parte, desceu também aos santos que habitavam em Lida.* 33) *Encontrou ali certo homem, chamado Enéias, que havia oito anos jazia de cama, pois era paralítico.* 34) *Disse-lhe Pedro: Enéias, Jesus Cristo te cura! Levantate, e arruma o teu leito. Ele imediatamente se levantou.* 35) *Viram-no todos os habitantes de Lida e Saroná, os quais se converteram ao Senhor.* Parece que o costume dos apóstolos foi visitar novos setores do campo que eram abertos, novas congregações que eram estabelecidas. Assim o haviam feito Pedro e João na Samaria. Paulo seguiu o mesmo costume em seu trabalho missionário. E agora encontramos Pedro viajando por todos os lugares, em todas as partes das províncias onde recentemente haviam sido estabelecidas congregações. Sem dúvida, o objetivo foi confirmar e conservar a unidade do espírito no vínculo da paz. Foi assim, que Pedro também desceu aos santos, aos membros da congregação que ficava em e próximo de Lida, que foi a antiga Lode, Ne. 7. 37, que ficava, mais ou menos, a dois terços da distância entre Jerusalém e Jope, no belo vale de Saroná, a umas quatro horas da costa do mar. Pedro encontrou aqui em Lida certo homem, um grego, ou um judeu helênico, de nome Enéias, que aparentemente não era membro da congregação, mas alguém que certamente ouvira do trabalho dela. Este era paralítico e já sofrera por oito anos, estando acamado e incapaz para ajudar a si mesmo. Notemos quão cuidadosa e exatamente Lucas, sendo médico, descreve a enfermidade. Pedro só

falou umas poucas palavras a este homem, dizendo-lhe que Jesus Cristo o curou. Por isso, ao mesmo tempo lhe ordenou levantar-se e pôr em ordem seus travesseiros, de arrumar sua própria cama, que foi algo que membros paralisados por anos não lhe haviam permitido. O milagre de cura foi operado imediatamente. Jesus, o Cristo exaltado, agora assentado à destra de Deus, está sempre próximo de sua congregação, também em todas as necessidades corporais. Este milagre foi tão evidente que seus efeitos foram notados. Não só as pessoas de Jope e ao seu redor, mas também os habitantes do imenso vale ou da planície de Sarona, que estendia seus campos férteis em direção norte para o Monte Carmelo, viram o homem que fora curado, ao que se seguiu uma conversão generalizada à fé cristã confessada por Pedro e pela congregação de Lida. As pessoas estiveram convictas que, se até seus servos eram capazes de realizar feitos tão poderosos, então as reivindicações de Jesus, de ser o Messias, devem ter estado bem firmes.

O milagre em Jope: *V. 36) Havia em Jope uma discípula, por nome Tabita, nome este que traduzido quer dizer Dorcas; era ela notável pelas boas obras e esmolas que fazia. 37) Ora, aconteceu naqueles dias que ela adoeceu e veio a morrer; e depois de a lavarem, puseram-na no cenáculo. 38) Como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, enviaram-lhe dois homens que lhe pedissem: Não demores em vir ter conosco. 39) Pedro atendeu e foi com eles. Tendo chegado, conduziram-no para o cenáculo; e todas as viúvas o cercaram, chorando e mostrando-lhe túnicas e vestidos que Dorcas fizera enquanto estava com elas. 40) Mas Pedro, tendo feito sair a todos, pondo-se de joelhos, orou; e voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se. 41) Ele, dando-lhe a mão, levantou-a; e chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva. 42) Isto se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor. 43) Pedro ficou em Jope muitos dias em casa de um curtidor, chamado Simão.* Pedro, com certeza, teria gostado de ficar em Lida por algum tempo, para confirmar os discípulos e firmar a congregação. Mas Pedro foi chamado repentinamente para uma casa em luto em Jope que é o porto marítimo de Jerusalém. Havia nesta cidade uma mulher discípula, cujo nome aramaico foi Tabita (esplendor, beleza), enunciado por Lucas em grego como Dorcas (corça). Ele pode ter sido conhecida pelos dois nomes. A pregação do evangelho, provavelmente por meio dos esforços de Filipe, que viajou por esta região, cap. 8. 40, no caso desta mulher, tivera um efeito maravilhoso. Ela esteve carregada, transbordava, de boas obras e em atos de misericórdia, na sua prática de dar esmolas. Ela deu provas do poder do evangelho que brilhava em seu coração, irrompendo a cada instante seu amor a Cristo e ao semelhante. Esta mulher, contudo, por este tempo, pegou uma doença e morreu, e as pessoas que haviam testemunhado e gozado sua bondade fizeram os primeiros preparos para o seu sepultamento, lavando-a e deitando-a na sala superior da casa. Enquanto isto, ocorreu a um amigo a idéia que Pedro, conforme a conversa em geral, estava em Lida, e por isso os discípulos de Jope resolveram enviar dois homens até ele com o insistente pedido: Não demores em vir até nós. Devia ser enfatizada a urgência do caso. Não está dito, se os discípulos tiveram qualquer plano mais definido quanto a provável ressurreição de Dorcas, ou se simplesmente desejaram a presença de Pedro para confortá-los em sua tristeza. Pedro não se demorou em acompanhá-los, e tiveram umas três horas de tempo para discutir a situação com ele durante a viagem de volta para Jope. Tendo Pedro chegado, logo o conduziram para a sala superior onde jazia a irmã morta. Visto que o clima torna necessário um sepultamento rápido, premente pressa era exigida, caso ainda se quisesse fazer algo. Como é comum em ocasiões como esta, todas as viúvas que haviam recebido qualquer favor das mãos de Dorcas, rodearam a Pedro, chorando amargamente e exibindo-lhe as roupas brancas, ou camisolas, e capas que Dorcas fizera quando vivia em seu meio. Tais obras de caridade, mesmo que em geral ocultas aos olhos das pessoas, são muito valorizadas aos olhos de Deus. As simples obras do servir cristão, feitas com toda simplicidade de coração, como são o cuidar da família, costurar, remendar, cozinhar, e os pequenos auxílios concedidos aos vizinhos, quando feitas no amor a Cristo, são lembradas por Deus para que recebam uma recompensa em seu dia. Pedro, antes de tudo, retirou todas as pessoas da sala; queria estar a sós ao orar a seu Pai celeste e ao seu Senhor Jesus Cristo. Prostrando-se sobre os joelhos, expôs em oração o assunto a Deus, e então, voltando-se ao corpo falecido, ordenou: “Tabita, levanta-te!” E o milagre ocorreu pelo poder do Senhor. A mulher que estivera morta abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se. E ele, ajudando-a para se pôr de pé, chamou os membros da congregação e, em especial, as viúvas tão profundamente enlutadas, e a apresentou

viva. Jesus Cristo, o Príncipe da vida, que restaurara Enéias a perfeita saúde, chamou também esta mulher de volta à vida, para que pudesse continuar suas obras de caridade para o bem delas. A vida e a morte de todos os cristãos está nas mãos de seu Senhor. O milagre foi logo espalhado pela cidade, e muitos creram no Senhor. O poder necessário para trazer da morte uma pessoa para a vida impressionou-os, e o evangelho ganhou seus corações para Jesus. E Pedro permaneceu em Jope por algum tempo, sendo neste tempo sua presença especialmente auspiciosa. Um homem, chamado também Simão, um tanoeiro de profissão, foi seu hospedeiro. Esta profissão, em geral, era detestada pelos judeus, mas Pedro, rapidamente, aprendeu a desconsiderar os antigos preconceitos e a servir a todas as pessoas, tornando-se tudo para todos.

**Resumo:** Saulo, em seu caminho a Damasco para perseguir os discípulos, é convertido por uma aparição do Senhor, e principia seu trabalho de testificar de Jesus, enquanto Pedro, no curso de suas viagens missionárias, cura um parálítico em Lida e traz de volta à vida uma mulher morta em Jope.

## **A história inicial da vida de Paulo**

Paulo, o grande missionário dos gentios, nasceu em Tarso, a antiga e famosa capital da Cilícia na Ásia Menor, junto ao rio Cidno e dezoito quilômetros do mar, em meio a uma produtiva planície, At. 22. 3. A cidade tinha fama por causa de sua cultura como também por seu saber, sendo que neste aspecto certo historiador até a coloca acima de Atenas e de Alexandria. Neste núcleo de erudição grega o menino, sendo ele próprio o filho dum fariseu e por isso um judeu ortodoxo, adquiriu conhecimento da língua grega e dos modos e costumes gregos, que lhe foram muito proveitosos na vida posterior. Incidentalmente, deve ser observado que os habitantes de Tarso, tendo-se mostrado amigos aos romanos no tempo de Júlio César, foram agraciados com o privilégio de cidadãos romanos (ou o pai de Paulo obtivera o direito como prêmio por merecimento), e foi por conta disso que Paulo, um cidadão romano por nascimento, em diferentes ocasiões exigiu os direitos de tal cidadão, o que rendeu consideráveis serviços à causa em que esteve envolvido. Paulo era de origem genuinamente judaica, sendo hebreu de hebreus, da tribo de Benjamim, e um descendente de ancestrais piedosos, Fp. 3. 4, 5; 2.Tm. 1. 3. A instrução na lei de Moisés que recebeu no lar e na sinagoga local foi tão completa como a de qualquer judeu na Palestina.

Conforme o costume judeu, alguma forma de aprendizado manual era parte necessária da educação de cada menino. O adolescente Saulo também aprendeu uma profissão, o de fabricante de barracas, At. 18. 3; 20. 34. O pelo de cabra que era usado para a fabricação de vestimentas rudes e de cobertura de barraca, era produzido em grande quantia nas montanhas da Cilícia, do que a cobertura acabada recebeu o nome de cilício. Este ofício dói de grande serventia para Paulo nalguns dos dias sinistros dos anos posteriores, At. 18. 3; 20. 34; 1.Ts. 2. 9. Tão logo que o pequeno Saulo esteve pronto para a grande escola superior dos judeus em Jerusalém, para lá foi enviado por seu pai, e, assim, foi educado aos pés de Gamaliel, um dos mais estudados doutores dos judeus, cuja prudência e serenidade o tornaram conspícuo entre os membros do sínédrio, At. 22. 3. Seu progresso na religião dos judeus foi acima do de muitos de sua idade, visto ter ele sido muito mais zeloso pelas tradições dos pais, Gl. 1. 14. Ele vivia conforme as exigências da lei dos judeus e de todas as tradições dos anciãos em todo seu rigor, assim que, anos mais tarde, pôde apelar aos que do fato tinham conhecimento para que testificassem sobre o seu viver a vida dum fariseu ortodoxo, At. 4. 5; Fp. 3. 6.

Saulo, muito provavelmente, deixou Jerusalém antes que João Batista iniciou seu trabalho, e esteve ausente durante os anos do ministério de Cristo; pois não há qualquer indicação nos escritos de Paulo sobre um conhecimento pessoal de fatos na vida de Jesus. Parece que ele retornou para Jerusalém pela época em que Estêvão principiou seus debates em favor da religião cristã e, como membro da sinagoga de Cilícia, participou em, ao menos, uma destas discussões. A vida posterior de Paulo é amplamente descrita no livro dos Atos e em suas epístolas, e os prováveis fatos sobre seus últimos anos serão discutidos em conexão com algumas de suas últimas cartas.

## **Capítulo 10**

### **O Centurião Cornélio.** At. 10. 1-48.

A visão de Cornélio: *V. 1) Morava em Cesaréia um homem, de nome Cornélio, centurião da coorte, chamada a italiana, 2) piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de continuo orava a Deus. 3) Esse homem observou claramente durante uma visão, cerca da hora nona do dia, um anjo de Deus, que se aproximou dele e lhe disse: 4) Cornélio! Este, fixando nele os olhos, e possuído de temor, perguntou: Que é Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus. 5) Agora envia mensageiros a Jope, e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro. 6) Ele está hospedado com Simão, o curtidor, cuja residência está situada à beira-mar. 7) Logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou a dois dos seus domésticos e a um soldado piedoso dos que estavam no seu serviço 8) e, havendo-lhes contado tudo, enviou-os a Jope.* Enquanto Saulo aguardava em Tarso, sua cidade natal, pelo tempo quando o Senhor lhe

apontasse um trabalho definitivo entre os gentios, ou, como alguns pensam, levava o evangelho à província da Cilícia, o próprio Deus estava agitando os corações de algumas pessoas fora da nação escolhida. Vivia certo homem em Cesaréia junto ao mar, que era a residência dos governadores romanos da Judéia, que se chamava Cornélio. Este homem era gentio de nascimento, como parece indicar seu nome latino. Sua posição oficial era a de centurião da companhia conhecida como a coorte italiana, que correspondia a décima parte duma legião romana, que estava estacionada em Cesaréia. A coorte italiana se constituía de cidadãos romanos voluntários nascidos na Itália, e a história mostra que elas existiram em várias províncias do leste. Cornélio não só era um homem bom e generoso, mas também devoto, piedoso, um prosélito temente a Deus, um homem que, com sua família e, provavelmente também com seus servos, chegara a conhecer o Deus verdadeiro, como aconteceu com o centurião de Cafarnaum, Mt. 8. 5. Cornélio, vivendo a tantos anos entre os judeus, ouvira deles sobre a vinda do Messias, por meio de cuja vinda e obra ele teria a verdadeira justiça que vale diante de Deus. Esta fé tomou posse de seu coração e deu suficientes provas de sua existência por meio de suas muitas esmolas e suas constantes orações a Deus.<sup>12)</sup> Assim aconteceu, que Cornélio não foi só um homem correto e honrável do mundo, mas um crente no Messias, cuja vinda ele, contudo, com muitos dos devotos judeus, colocou no futuro, porque não soube que todas as profecias se haviam cumprido em e por meio de Jesus de Nazaré. O Senhor, todavia, conhecia a condição de sua alma e resolveu conceder a ele e toda sua casa a revelação plena do Novo Testamento. Conseqüentemente, Deus arranhou as coisas de tal forma que Cornélio, mais ou menos às nove horas do dia, mais ou menos na hora do sacrifício da tarde no templo, que era uma das horas de oração, enxergou de modo distinto, manifesto e claro uma visão, um anjo do Senhor que vinha a ele com uma mensagem, o que torna impossível que fosse uma ilusão. Antes de tudo, o mensageiro celeste o chamou pelo nome, o que por si já é uma honra, Is. 43. 1. Mas Cornélio, instintivamente, recuou, algo que é próprio a um ser pecaminoso na presença dum ente puro. Seus olhos estiveram fixos no anjo e ele esteve tomado de medo, quando disse: “Que é Senhor?” pois reconheceu que o mensageiro era de Deus. Mas as palavras tranqüilas do anjo renovaram-lhe a confiança. Suas orações haviam sido ouvidas por Deus, e suas obras de misericórdia haviam chegado à consideração de Deus; foram-lhe creditadas na memória do Senhor. Os olhos do Senhor sempre estão atentos aos que o temem, cujos corações o temem pela fé, e cujas mãos estão dispostas a servi-lo. Ele lhes ouve as orações e se lembra de todas as suas obras. Agora, porém, o anjo disse a Cornélio que devia enviar para Jope alguém como seu mensageiro, para buscar certo Simão, o qual pelo sobrenome Pedro se distinguia dos demais homens do mesmo nome. Seu lugar de alojamento era com Simão, o tanoeiro, que morava perto do mar, fora da cidade propriamente dita, por causa da natureza de seu negócio. Este Pedro seria capaz e disposto para lhe dar as informações que ele precisava nesta ocasião. Pois, visto que Cornélio era um verdadeiro crente conforme os padrões do Antigo Testamento, cf. Jo. 1. 47, ele carecia do conhecimento do Messias que aparecera, sendo isto que Pedro lhe devia prover. Notemos: Mesmo que o anjo muito bem poderia ter dado a Cornélio uma completa compreensão do evangelho, não foi para este fim que o Senhor o comissionou, mas o anjo orienta ao centurião a um de seus pregadores da salvação. Deus chama as pessoas para a salvação por meio de sua santa palavra, tal como proclamada pela boca de homens.<sup>13)</sup> Logo que o anjo concluiu sua mensagem, Cornélio começou a por em prática a ordem que recebera. Mesmo que já fosse tarde, ele convocou dois de seus servos domésticos e um soldado, o qual, tal como ele próprio, era devoto e temente a Deus, ou seja, um daqueles que pertencia à pequena guarda de sentinelas, em que podia confiar plenamente, visto que sinceramente se devotavam a ele. Cornélio explicou com toda a confiança o assunto a estes três mensageiros, não lhes omitindo nada daquilo que fosse necessário para que compreendessem a situação. A seguir os enviou a Jope, situada a uma distância de, mais ou menos, 45 quilômetros diretamente ao sul de Cesaréia. Notemos: O relacionamento entre Cornélio e os que ele empregou e que estavam sob sua jurisdição, tal como aqui é representado, podia servir como exemplo tanto a todos os empregadores como aos servos. Lá, onde forem estabelecidas condições de respeito e confiança mútuos, como foram estas, baseadas no temor do mesmo Deus, dificilmente haverá

<sup>12)</sup> 36) Art. Esmalc. Mueller, 322 (cf. Liv. Conc. Art. Esmalc. Ter.Parte, VIII,8.)

<sup>13)</sup> 37) Form.Conc. Mueller, 600.

algum problema com os empregados ou alguma insatisfação com o trabalho.

A visão de Pedro: *V. 9) No dia seguinte, indo eles de caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao eirado, por volta da hora sexta, a fim de orar. 10) Estando com fome, quis comer; mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase; 11) então viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra, pelas quatro pontas, 12) contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra, e aves do céu. 13) E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro; mata e come. 14) Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi coisa alguma comum e imunda. 15) Segunda vez a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum. 16) Sucedeu isto por três vezes e logo aquele objeto foi recolhido ao céu.* A viagem de Cesaréia para Jope pode ter durado umas nove ou dez horas, o que fez com que os três mensageiros chegassem pelo meio-dia do dia seguinte à proximidade do porto marítimo do sul. Mas, enquanto isto, foi preciso que o Senhor preparasse Pedro para a vindoura visita, para que não recuasse em horror diante da idéia de ser o hospedeiro de gentios. Enquanto os homens prosseguiram em sua viagem, indo em seu caminho, por isso, perto do meio-dia se aproximavam de Jope, Pedro subiu ao telhado chato da casa em que estava hospedado, com o propósito de orar, visto ter esta sido uma das horas de oração observadas pelos judeus devotos. Mas, enquanto esteve empenhado em seu culto de adoração, teve fome intensa, estando extraordinariamente ansioso por alimento, razão essa pela qual pretendia almoçar, expressando, provavelmente, estes seus desejos imediatamente às pessoas da casa. Mas, enquanto estes preparavam a refeição lá em baixo, um transe, uma situação de êxtase, sobreveio a Pedro. Não que estivesse inconsciente, mas sua mente e espírito estiveram desconectados do ordinário pensar e sentir, e ele foi capacitado para ouvir e ver coisas que pessoas normais não podiam perceber. Nesta condição ele viu exatamente como o céu se abriu e como dessa abertura descia um receptáculo ou um recipiente, semelhante à forma dum imenso lençol, cujas quatro pontas ou cantos estavam amarradas para conservar seu conteúdo, e para tornar possível ser baixado. Havia neste recipiente, exposto ante os olhos espiritualizados de Pedro, todas as espécies de animais quadrúpedes, réptis e aves, estando os impuros misturados com os puros numa multidão amontoada, sem consideração à divisão ou distinção levítica. Cf. Lv. 11. 9; Dt. 14. 9. Neste momento ecoou do alto uma voz que o convidou para ser erguer, matar e comer. Mas o Pedro impetuoso, ainda preso às tradições da distinção legal sobre o alimento animal, com grande ênfase rejeitou o convite: De jeito nenhum, Senhor, pois jamais comi qualquer coisa comum ou impura. Ele, no primeiro relance de vista, pode ter considerado toda esta visão como uma tentação ao mal. Mas a voz o alertou, corrigindo sua posição, dizendo-lhe pela segunda vez: O que Deus tornou puro não tornes tu profano. Deus, pelo ato de oferecê-los a Pedro, revogara a ordem levítica, e purificou os animais anteriormente considerados como impuros. O Senhor fez que esta visão aparecesse três vezes, e três vezes o recipiente foi colocado ante Pedro, três vezes lhe veio o convite, antes que o compartimento fosse finalmente levado novamente ao céu. Deus, por meio desta visão, claramente indicou que a barreira entre judeus e gentios estava agora removida, que os gentios também deviam ser admitidos no reino de Deus e de Cristo. Mesmo hoje esta lição é necessária, quando preconceitos raciais, em certas vezes e tão seriamente, ameaçam interferir nos esforços missionários.

A chegada dos mensageiros: *V. 17) Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta; 18) e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro. 19) Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram; 20) levanta-te, pois, desce e vai com eles nada duvidando; porque eu os enviei. 21) E descendo Pedro para junto dos homens, disse: Aqui me tendes, sou eu a quem buscais? a que viestes? 22) Então disseram: O centurião Cornélio, homem reto e temente a Deus, e tendo bom testemunho de toda a nação judaica, foi instruído por um santo anjo para chamar-te a sua casa e ouvir as tuas palavras. 23ª) Pedro, pois, convidando-os a entrar, hospedou-os.* A visão que Deus enviara a Pedro, perturbou-o, tornou-o perplexo, tornou-se irrequieto e incerto sobre o que fazer a seguir. Observara o curso geral da comunicação planejada, mas sua aplicação não lhe esteve clara. Será que só significava a abolição da parte cerimonial da revelação do Antigo Testamento, ou teria sido incluído algo mais do que isto? A que caso específico se referia o Senhor? Mas estas dúvidas e perplexidades

rapidamente foram desfeitas, visto que enquanto isto os mensageiros de Cornélio haviam chegado à cidade; haviam inquirido sobre a localização da casa à qual haviam sido orientados; haviam achado o lugar correto e já estavam lá em baixo parados ante o portão. A passagem arqueada que, nas casas orientais, levava da rua ao pátio interno, no lado externo estava fechada por um pesado portão dobrável com uma pequena portinhola guardada por um porteiro. Os mensageiros estiveram parados ante este portão, gritando ao porteiro ou a algum outro dos servos, perguntando, se ali estava hospedado Simão, com o sobrenome Pedro. Pedro que nada sabia desta agitação, foi pelo Espírito informado sobre ela. Enquanto ainda ponderava sobre a visão, tentando descobrir claramente o propósito de Deus, o Espírito lhe disse que os homens o estavam procurando, e lhe pediu que levantasse, descesse, e viajasse com os homens, sem qualquer dúvida ou hesitação, visto que ele mesmo, o próprio Deus, enviara estes homens. Pedro teve aqui a solução para a enigmática pergunta. Não devia recuar horrorizado diante da idéia de acompanhar os estrangeiros, mas devia viajar de bom grado e feliz. Pedro ainda não sabia que mensagem especial os homens traziam, mas seguiu a solicitação do Espírito. Descendo e indo até onde os homens estavam, que, segundo parece, ainda era junto ao portão ou no corredor, informou-os sobre sua identidade, e pediu-lhes pela razão de sua presença. E os três mensageiros fizeram bom uso da confiança que seu patrão colocara neles, incidentalmente mostrando seu amor e respeito por Cornélio. Referem-se a ele como sendo um homem justo, irrepreensível conforme os padrões judeus em seu relacionamento a seus semelhantes, e também um homem temente a Deus, alguém que aceitara o Deus dos judeus e já não mais lançava sua confiança em ídolos. Além disso, tinha ele uma boa fama, era elogiado por toda a população dos judeus; todas as pessoas tinham sua integridade na mais alta estima. Eles relataram de seu patrão que ele fora advertido por Deus, de que recebera uma mensagem dum anjo santo que era um mensageiro do Senhor, para trazer Pedro para sua casa, a fim de ouvir palavras dele. “Reunindo esta mensagem, enviados por uma ordem dum ‘anjo santo’, com a visão, e com a ordem do Espírito de ir com os homens, em nada duvidando, Pedro agora num abrir e fechar de olhos, enxerga que é chamado por divina autoridade, através do anjo, através da visão, através do Espírito, para fazer o que anteriormente sempre julgou pecaminoso, a saber, entrar na casa dum gentio, e fala-lhe a palavra do Senhor. Nada menos do que um inquestionável chamado divino podia induzi-lo para fazer isto; já não tendo ele qualquer alternativa a não ser que se opusesse a Deus.”<sup>14)</sup> O primeiro resultado desta clara compreensão da situação foi que Pedro convidou os mensageiros para que entrassem, fê-los seus hóspedes, e lhes providenciou apropriada hospedagem. Agora Pedro compreendeu que Deus não era só o Deus dos judeus, mas também dos gentios, visto que ele quer que todas as pessoas sejam salvas e venham ao conhecimento da verdade. A mão do Senhor está evidente em toda esta história. E bem da mesma forma todo o curso da vida de cada pessoa está na mão de Deus, sendo todas as circunstâncias ordenadas por Deus, mesmo as assim chamadas casualidades. E Deus sempre renova evidências do fato que ele deseja que as pessoas se aproximem da palavra, e deseja trazer a palavra até as pessoas.

A reunião entre Pedro e Cornélio: *V. 23b) No dia seguinte levantou-se e partiu com eles; também alguns irmãos dos que habitavam em Jope foram na sua companhia. 24) No dia imediato entrou em Cesaréia. Cornélio estava esperando por eles, tendo reunido seus parentes e amigos íntimos. 25) Aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se aos seus pés, o adorou. 26) Mas Pedro o levantou, dizendo: Ergue-te, que eu também sou homem. 27) Falando com ele, entrou, encontrando muitos reunidos ali, 28) a quem se dirigiu, dizendo: Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo; 29) por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto, pois, por que razão me mandastes chamar?* A Pedro não foi possível deixar imediatamente Jope, principalmente porque queria que alguns dos irmãos de Jope o acompanhassem nesta viagem. Mas, na manhã seguinte, os mensageiros partiram, levando consigo a Pedro, e alguns dos membros da congregação também foram com eles. Visto que não viajaram tão rápido como o haviam feito na vinda os servos e o soldado, passaram o dia inteiro na estrada e não chegaram a Cesaréia se não só na manhã seguinte. Cornélio, porém, como homem experiente em assuntos

---

<sup>14)</sup> 38) McGarvey, *New Commentary on Acts*, 205.

militares, calculara com considerável exatidão o tempo em que poderia esperá-los. Cheio de confiança esperou-os naquela manhã, e, por isso, convocara seus parentes e amigos íntimos, que eram aqueles em cuja descrição podia confiar, e que, muito provavelmente, tinham a mesma opinião dele sobre a adoração do verdadeiro Deus. O estado de espírito em que Cornélio se achava nesta manhã pode ser descrito do seu comportamento quando finalmente Pedro entrou em sua casa. Agindo sobre a idéia de que o servo e mensageiro do Senhor, cuja vinda até fora dirigida por um anjo, sem dúvida, devia ser digno de reverência especial, ele se adiantou para encontrar Pedro e caiu aos seus pés para o adorar, para nele honrar a Deus. Pedro, porém, não quis nada com uma adoração dessas. Ele levantou Cornélio, ao mesmo tempo em que o reprovava bondosamente, pedindo-lhe que se levantasse, visto que ele mesmo era só um homem. Notemos: Esta clara afirmação de Pedro deve desencorajar qualquer idéia de adoração de santos; pois, se ele se recusou atender essa adoração enquanto podia ouvir as orações que lhe podiam ser dirigidas, quanto mais deve ser considerado algo tolo e prejudicial dirigir-lhe orações agora quando ele já foi afastado da presença da congregação cristã! Logo depois desta saudação os dois homens começaram uma conversação e, enquanto conversavam entre si, entraram no espaço interior da casa, no átrio, onde Pedro encontrou reunidas muitas pessoas, as quais todas esperavam, com atenta expectativa, as palavras que Pedro lhes dirigiria. O apóstolo, antes de tudo, dirigiu algumas palavras para a assembléia para que a situação ficasse clara; pois estavam plenamente conscientes sobre quão “ilícita”, ou o quanto divergente da lei, do modo como os judeus a entendiam, devia ser considerado seu comportamento, visto que ele, um judeu, aqui veio a gentios e com eles se misturou, tornando-se de alguma forma familiar com pessoas duma raça estranha. Notemos o tacto com que Pedro usa a expressão “de outra raça” em vez da mais áspera “gentios”. Não havia em Moisés qualquer proibição expressa sobre este comportamento, mas as tradições dos rabis levaram o princípio de separação a este extremo. Aqui, porém, Pedro declara, não só que Deus lhe dissera, mas que lhe mostrara de modo distinto e inconfundível, que não devia declarar nem se referir a qualquer pessoa como comum ou impura. As pessoas presentes na casa de Cornélio talvez não foram membros da igreja judaica em virtude da circuncisão, mas pertenciam ao povo por amor do qual Jesus viera, e por isso havia sido autorizado da pregação do evangelho. Pedro, sabendo isto, viera a elas tão logo que foram em sua busca, sem qualquer contestação ou resistência, mas em singela obediência à palavra do Senhor. Agora sua pergunta foi quanto ao fim que os levou para buscá-lo, ou o objetivo que tiveram para fazê-lo viajar esta distância e aparecer ante eles.

A explicação de Cornélio: *V. 30) Respondeu-lhe Cornélio: Faz hoje quatro dias que, por volta desta hora, estava eu observando em minha casa a hora nona de oração, e eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes, 31) e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas lembradas na presença de Deus. 32) Manda, pois, alguém a Jope a chamar Simão, por sobrenome Pedro; acha-se este hospedado em casa de Simão, o curtidor, à beira-mar. 33) Portanto, sem demora, mandei chamar-te, e fizeste bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor.* Sem dúvida, foi com a maior emoção que Pedro entrou na porta da casa dum gentio. Da mesma maneira Cornélio não esteve menos comovido diante da evidência que sua oração fora ouvida pelo Senhor e diante da perspectiva que com isso lhe foi aberta. Os dois, provavelmente, haviam concordado que por causa das pessoas presentes o melhor seria recapitular a conexão dos fatos mais uma vez, para que as mentes de todas tivessem clareza do assunto. Por isso Cornélio repete a história dos fatos que levaram ao momento atual: que ele, quatro dias antes, no quarto dia antes, na hora nona estivera ocupado em oração em sua casa; que um homem em vestes reluzentes parara à sua frente, que é sua humilde descrição do anjo que lhe aparecera; que este mensageiro o informara da escuta de sua oração e da recordação de suas esmolas ante Deus (tanto suas orações como suas esmolas haviam sido sacrifícios pelos quais ele mesmo se trouxera à lembrança de Deus); que este lhe ordenara enviar gente a Jope e de lá chamar Simão com o sobrenome Pedro, que estava hospedado na casa de certo Simão, o tanoeiro, junto ao mar; que este Pedro, tendo vindo, lhe diria, lhe traria uma mensagem muito importante. Todas estas palavras de Cornélio, que apresentam um quadro muito vivo, foram dirigidas tanto a seus parentes e amigos, como também a Pedro. Agora, porém, ele se volta ao apóstolo numa afirmação característica, humilde e bela: *Imediatamente, logo, sem demora, enviei a ti, e fizeste bem em vir; agora todos nós aqui*

perante Deus estamos presentes para ouvir tudo aquilo de que foste encarregado pelo Senhor a nos proclamar. Nesta afirmação há dois pontos de profundo significado: que a assembléia inteira estava consciente da presença de Deus, e que todos estavam convictos que, o que Pedro fora encarregado a lhes proclamar, era uma mensagem de Deus. Por isso Pedro, com certeza, falou sob as circunstâncias ideais, e podia esperar que sua audiência ouviria com a correta diligência e reverência.

A primeira parte do sermão de Pedro: *V. 34) Então falou Pedro, dizendo: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; 35) pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável. 36) Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos. 37) Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou, 38) como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.* Deve ter sido um prazer incomum pregar o evangelho, sob estas condições tão ideais, tendo uma audiência tão atenta e desejosa. E Pedro aprovou bem a ocasião. Ele começou solenemente sua fala afirmando que ele agora, de fato, compreendeu e entendeu plenamente que Deus não alguém que respeita pessoas, literalmente, que ele não olha as faces do povo. A face, a forma e o aspecto exterior das pessoas não influenciam o julgamento do Senhor. Em cada nação do mundo aquele que realmente teme ao Senhor, que tem seu coração voltado em confiante fé para o Senhor, e pratica a justiça, ou seja, em todo seu modo de vida mostra que o temor do Senhor instiga todos os seus atos, é aceitável a Deus. Esta afirmação tão inclusiva varreu com os laços confinantes do pacto mosaico, e mostrou ser a nota chave de todo trabalho missionário da igreja desde aquele tempo para cá. A recepção da salvação merecida por Jesus Cristo já não é mais condicionada por alguma nacionalidade, mas pela condição do coração. O chamado de redenção é estendido a todas as pessoas, sem consideração de cor, raça e língua. Pedro, depois que esta verdade inicial e fundamental fora colocada, pôde prosseguir para seu assunto favorito, que era o evangelho de Jesus Cristo. Disse aos seus ouvintes de que eles já conheciam três fatos. Conheciam a palavra que fora enviada aos filhos de Israel como a mensagem evangélica de Deus, trazendo a boa e gloriosa notícia de paz por meio de Jesus Cristo. Pedro, num parêntesis, distingue, dos profetas e apóstolos regulares que eram os servos da palavra, a este último, como sendo o Senhor sobre todos, declarando desta forma sua divindade. Além disso conheciam, diz-lhe ele, o fato histórico que foi tornada conhecida a palavra a respeito de Jesus, por ele próprio publicada em seu ministério profético, que começou na Galiléia, depois do batismo que João pregou. Finalmente eles estavam familiarizados com a pessoa de Jesus Cristo de Nazaré, a saber, que o próprio Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, o qual a seguir viajou pelo país fazendo o bem, operando milagres, como o benfeitor que era da humanidade, e curando a todos os que pelo diabo estavam presos em submissão como o Senhor e Chefe, ante quem os espíritos das trevas se precisam prostrar, visto que Deus esteve com ele. Estes fatos, com o quais seus ouvintes estavam plenamente ou em parte familiarizados, Pedro lhes incute como fatos cujo conhecimento é necessário para a salvação. Notemos que Pedro, também, na última afirmação enfatiza a divindade de Jesus, a qual diz que as duas naturezas imutáveis naturezas estão unidas na pessoa de Cristo.<sup>15)</sup>

A última parte do sermão de Pedro: *V. 39) E nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro. 40) A este ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fosse manifesto, 41) não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos; 42) e nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos. 43) Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê recebe remissão de pecados.* Aos fatos que estes homens de Cesaréia conheciam, e que eles sempre tinham considerado numa maneira um tanto separada e objetiva, como as que só diziam respeito aos judeus, Pedro agora acrescenta o peso de seu testemunho pessoal, como também o dos outros apóstolos. Eles são testemunhas de todas as coisas que Jesus fez na terra dos judeus,

---

<sup>15)</sup> 39) Mueller, 654.

na Palestina em geral como também em Jerusalém; são testemunhas também do fato que os judeus se tornaram seus assassinos suspendendo-o na cruz. Mas Deus ressuscitou a este mesmo Jesus dentre os mortos, e concedera que ele fosse revelado como o Cristo vivo. Mas esta revelação, propositalmente, não foi concedida a todo o povo; o ministério profético pessoal de Jesus fora concluída com sua morte. O Cristo vivo foi revelado somente para aqueles homens, para aquelas testemunhas, que expressamente haviam sido escolhidas anteriormente por Deus, e que tanto haviam comido como bebido com Cristo depois de sua ressurreição dentre os mortos. Estes homens, tendo sido feito apóstolos, também foram delegados como testemunhas, e eles não estavam fazendo asserções acidentais e escuras sobre algo que pessoalmente só conheciam em segunda mão, mas o testemunho deles se baseava sobre experiência pessoal. Além disso os apóstolos haviam recebido a tarefa de agir como seus arautos ante todas as pessoas, na proclamação do evangelho como também no dar testemunho do fato que Jesus, definitivamente, por Deus fora ordenado, apontado, como Juiz dos vivos e dos mortos, Jo. 5. 22. Pedro havia afirmado como verdade básica o fato que raça e nacionalidade não traz em si alguma forma de bênçãos de Deus; lembrara seus ouvintes da história do evangelho que haviam ouvido e recebido de modo imparcial; acrescentara seu testemunho pessoal a respeito dos grandes fatos na obra da salvação. Nesse ponto ele chega ao clímax do seu sermão, que é a aplicação das verdades recém proclamadas aos seus próprios ouvintes, colocando total ênfase no fato de que esta maravilhosa mensagem não se limitou aos filhos de Israel, mas que de moto muito essencial ela dizia respeito a cada um dos presentes. Pois em nome de Jesus, exclama ele, todos os profetas testemunharam que todo aquele que crê nele, recebe em seu nome perdão dos pecados. Tão só pela aceitação das grandes verdades do evangelho, tendo como objetivo especialmente a eles, eles se tornariam participantes da paz e da alegria que elas contêm para cada cristão. “Ele não poderia ter falado mais claramente, do que quando diz: por seu nome, e acrescenta: todos os que nele crêem. Por isso recebemos perdão de pecados através do nome de Cristo, isto é, por causa de Cristo, não por causa de nosso mérito ou obras, e isto é feito quando cremos que nossos pecados estão perdoados por amor de Cristo.”<sup>16)</sup> “Ele quer que isto seja pregado e crido em todo o mundo, e com isto afasta toda jactância dos judeus e de todos os santos por obras ( pessoas farisaicas), para que saibam que não podem receber a graça de Deus por meio da lei e de suas próprias obras, mas podem receber perdão de pecados só pela fé em o nome deste Cristo.”<sup>17)</sup>

O efeito do sermão: V. 44) *Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.* 45) *E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo;* 46) *pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então perguntou Pedro:* 47) *Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?* 48) *E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então lhes pediram que permanecesse com eles por alguns dias.* O Senhor, nesta ocasião, evidentemente planejava conceder uma demonstração incomum de seu poder. Pois enquanto Pedro ainda estava proferindo as palavras finais de seu discurso, caiu o Espírito Santo e encheu a todos quantos escutavam a pregação da palavra. Anteriormente eram crentes no Messias vindouro, no Cristo que devia trazer redenção aos judeus; agora eram crentes no Cristo que morrera por eles no Calvário, cuja integral lhes havia sido conseguida. E o Espírito Santo lhes foi concedido em medida extraordinária, de fato, de um modo tal, que causou o maior assombro nos judeus presentes, em Pedro e bem assim nos membros da congregação de Jope. Aqui tiveram provas visíveis do fato que os gentios realmente eram aceitáveis ao Senhor, pois o Espírito até lhes deu o dom de línguas, capacitando-os desta forma para louvar e magnificar em Deus em línguas que antes deste dia lhes eram desconhecidas. Cf. cap. 11. 17. Não foi somente um louvar exultante e estático a Deus que Lucas registra, mas foi uma repetição do milagre de pentecostes, ainda que, provavelmente, não em escala tão grande. Pedro, de qual forma, esteve totalmente convicto. Expressou seu sentimento na enfática pergunta retórica: Com certeza ninguém dos presentes tinha intenção de impedir a água para que estas pessoas não fossem batizadas! Não podia haver qualquer razão possível para recusar que estas pessoas fossem

<sup>16)</sup> 40) *Apologia*, Mueller, 178.

<sup>17)</sup> 41) *Lutero*, 12. 494.

aceitas na igreja cristã, no caso dos quais o Senhor indicara tão claramente que também os gentios deviam encontrar admissão no reino de Deus. Toda diferença entre judeus e gentios foi removida pela morte de Jesus. Salvação total e todos os dons do Espírito Santo estão dispostos ao mundo inteiro, a todos quantos com a mão da fé irão aceitar estas bênçãos. Por isso Pedro, que, nesta ocasião, não batizou a si mesmo, neste momento deu a ordem, que confiou, provavelmente, ao evangelista Filipe, cujas atividades se estendiam a esta cidade, que deviam ser batizados no nome de Jesus Cristo, e, desta forma, ser selados com todas as bênçãos que o Salvador alcançou e concede pela água do batismo. Não é de admirar que Cornélio e seus amigos, depois desta experiência, pediram que Pedro permanecesse com elas por mais algum tempo, que passasse algum tempo com eles, ao menos por alguns dias. Estiveram ansiosos para ouvir mais deste testemunho maravilhoso a respeito de Jesus o Salvador.

**Resumo:** Pedro, tendo sido chamado por Cornélio para Cesaréia e sido preparado por meio duma visão especial do céu para a visita, prega o evangelho aos gentios, os quais, em razão disso, recebem o Espírito Santo e são batizados.

## Capítulo 11

### *A Defesa De Pedro Contra Os Irmãos Judaizantes.* At. 11. 1-18.

O ataque: *V. 1) Chegou ao conhecimento dos apóstolos e dos irmãos que estavam na Judéia que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. 2) Quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram da circuncisão o argüiram, dizendo: 3) Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles.* Está visível em todo estes relato de Lucas em Atos, que a inspiração dos apóstolos só pertenceu ao seu ofício de ensino, e que não tiveram quaisquer outros poderes incomuns de perspicácia e iluminação. Assim aconteceu, que os apóstolos, junto com os outros membros da congregação de Jerusalém, nada souberam da mudança de coração de Saulo, e por isso não confiaram nele, cap. 9. 26. Aqui os apóstolos bem como os irmãos da Judéia labutavam sob a desvantagem dum preconceito tolo e impiedoso. Veio-lhes a informação de que, pelo ministério de Pedro, os gentios haviam recebido a palavra do Senhor. O fato não lhes causou alegre admiração, mas séria apreensão. Por isso, quando Pedro subiu para Jerusalém, retornando das terras baixas de Cesaréia e da planície de Saron, então os da circuncisão, não os judeus como os que se distinguiam dos gentios, mas os rigorosos cristãos judaizantes de Jerusalém, provavelmente os que haviam sido sacerdotes ou haviam pertencido aos fariseus, contenderam ou discutiram com ele, achegaram-se a ele com o fato que ele entrara na casa de pessoas incircuncisas ou gentias, o que exigia concordar em comida e amizade, e até comera com eles, sendo a implicação de que ele, facilmente, poderia ter participado de comida que aos judeus era impura, tornando-se ele, desta forma, também impuro. Era contrário ao sentimento dos judeu-cristãos, que o evangelho devia ser pregado também aos gentios, que aqueles que não pertenciam à raça dos judeus também deviam ser aceitos no reino do Messias. O fato que os profetas, não só uma vez, mas muitas vezes, haviam profetizado da entrada dos gentios no reino de Cristo, Is. 60. 3; 49. 6, parece que escapou de suas mentes. Não haviam compreendido corretamente estas passagens, por isso gradualmente o precisaram aprender. Notemos: Há muitos versículos, muitas passagens e seções nas Escrituras os quais nem mesmo cristãos tementes imediatamente não conseguem captar e entender. O esclarecimento progride muito lentamente, mesmo depois que Cristo já foi aceito. Contudo, se os cristãos perseverarem no pesquisar, Deus irá guiá-los, passo a passo, mais profundamente no conhecimento da verdade. Assim acontece, que até aquelas passagens que na primeira leitura são ofensivas, gradualmente receberão sua correta colocação no todo da Bíblia. A única coisa que precisamos fazer é todas as partes da revelação de Deus sirvam a este um grande fato, que é a justificação de todos os pecadores pela fé em Cristo Jesus, então o arranjo e a importância correspondente das várias partes da Escritura seguirão com naturalidade.

A recapitulação de Pedro: *V. 4) Então Pedro passou a fazer-lhes uma exposição por ordem, dizendo: 5) Eu estava na cidade Jope orando e, num êxtase, tive uma visão em que observei descer um objeto como se fosse um grande lençol baixado do céu pelas quatro pontas,*

e vindo até perto de mim. 6) E, fitando para dentro dele os olhos, vi quadrúpedes da terra, feras, répteis, e aves do céu. 7) Ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come. 8) Ao que eu respondi: De nenhum modo, Senhor; porque jamais entrou em minha boca qualquer coisa comum ou imunda. 9) Segunda vez falou a voz do céu: Ao que Deus purificou não consideres comum. 10) Isto sucedeu por três vezes, e de novo tudo se recolheu para o céu. 11) E eis que na mesma hora pararam, junto da casa em que estávamos, três homens enviados de Cesaréia para se encontrarem comigo. 12) Então o Espírito me disse que eu fosse com eles, sem hesitar. Foram comigo também estes seis irmãos; e entramos na casa daquele homem. 13) E ele nos contou como vira o anjo em pé em sua casa, e que lhe dissera: Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro, 14) o qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa. 15) Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio. Em vez de se lançar em argumentos habilmente fraseados para defender seu ato, Pedro crê que é melhor deixar que os fatos falem por si mesmos, o que é o motivo porque permite que eles apareçam na forma duma recapitulação singela, apresentando-os em ordem aos críticos, tal como haviam ocorrido, e como haviam sido narrados no capítulo 10. Pedro, antes de tudo, lhes contou sobre a visão pessoal que tivera em Jope, quando estivera num estado de êxtase, quando o invólucro na forma dum pano imenso, amarrado nas quatro pontas, foi baixado do céu. Ele enfatizou que olhou bem de perto, e que não houve qualquer dúvida de ser uma ilusão. Ele realmente vira no invólucro várias formas de quadrúpedes e animais e réptis da terra e aves do céu. Claramente ouvira a voz que lhe disse que levantasse, matasse, e comesse. Ele objetara muito enfaticamente com base no fato de sempre ter observado exatamente a injunção que regulava alimentos impuros. Mas a voz ecoara pela segunda vez, pedindo-lhe não considerar como comum o que o próprio Deus havia purificado. A coisa acontecera três vezes antes que o invólucro fora recolhido novamente ao céu. E, eis, que no mesmo momento três homens haviam parado abaixo, que haviam sido enviados de Cesaréia para o buscar, e que o Espírito Santo lhe dissera para que, sem duvidar ou hesitar, os acompanhasse. A seguir eles foram com ele, como também alguns irmãos de Jope, cujo número Pedro afirma ter sido seis; estes seis, tendo retornado com ele para Jerusalém, podiam comprovar suas palavras. Haviam entrado na casa do homem que enviara os mensageiros, o qual lhes dera um relato de que tivera a visão dum anjo que esteve em pé em sua casa e lhe falara. Ele seguira a ordem deste anjo, quando enviou para Jope e mandou buscar Simão com o sobrenome Pedro, o qual lhe falaria palavras pelas quais ele e os de sua casa seriam salvos. Estas últimas palavras, que não se encontram nos outros relatos, antecipam um resumo do discurso de Pedro, quando mostrou para a assembléia o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e da pregação do Novo Testamento em Cristo, que é o Salvador de todas as pessoas. Por fim Pedro fala do efeito que suas palavras tiveram sobre seus ouvintes. Antes que findara seu discurso e expressara tudo que podia dizer sobre este tópico, que é inexaurível, o Espírito Santo já caíra sobre os gentios da mesma maneira como no começo fora concedido a eles. Por isso o argumento de Pedro foi, que depois de ter enxergado a visão, ter ouvido a voz, e ter recebido a ordem do Espírito para ir com os homens, ele não poderia ter agido de outra maneira do que obedecer e entrar na casa do gentio em Cesaréia. E o fato que o Espírito Santo fora derramado sobre os gentios foi mais uma prova da aceitação dos gentios pelo Senhor.

A conclusão de Pedro: *V. 16) Então me lembrei da palavra do Senhor, como disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. 17) Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus? 18) E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida.* O próprio Pedro, como aqui ele recorda seus críticos, tiveram sérios escrúpulos sobre todo este caso; mas a sucessão de eventos não podia ser uma ocorrência do acaso. E suas últimas dúvidas foram removidas quando ele, no ponto alto do auge, viu o agir do Espírito Santo exatamente do mesmo modo como ele o experimentara no grande pentecostes. Recordara-se da palavra do Senhor, aquele dito em que prometera: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, cap. 1. 5. Pedro não limita esta promessa, de modo egoísta, ao círculo íntimo dos discípulos, nem só aos judeus, mas quer que agora seja aplicado sempre que a evidência mostra que ela deva ser aplicada. Visto que Deus agora deu exatamente o mesmo dom a eles, que fora dado aos apóstolos, não tendo

por base a circuncisão ou incircuncisão, mas tendo por base a fé no Senhor Jesus Cristo, quem era Pedro e como podia ele arregimentar forças para resistir a Deus? Como podia ele ser capaz de resistir a Deus, mesmo se tivesse resistido em seus escrúpulos e dúvidas? É o Deus vivo quem dirige e governa sua igreja cristã, mostrando o caminho em que seus servos devem andar. É ele quem abre o trilho para sua palavra, para que possa crescer e produzir fruto em abundância. Foi este o fato que os cristãos de Jerusalém agora foram obrigados a reconhecer. Calaram-se, mantiveram-se quietos e satisfeitos; já não tiveram mais objeções a fazer. Antes, se viram constringidos a dar glória constante e louvor a Deus, confessando: Desse modo, então, também aos gentios Deus outorgou arrependimento para a vida. Desse modo, os críticos não só de modo tácito retiraram a tudo o que haviam dito como repreensão a Pedro, mas também proclamaram o louvor de Deus com entusiasmo. Imediatamente se deram por satisfeitos, e continuaram sua gratidão e louvor a Deus. Um arrependimento, que é seguido pela fé em Cristo, é o caminho para a vida eterna, que é o dom gracioso de Deus. E todos os cristãos de modo apropriado irão regozijar se Deus concede a muitos pecados o arrependimento para a vida. É triste que este estado feliz das coisas não continuou, cap. 15. 5.

*O Estabelecimento Da Congregação Em Antioquia.* At. 11. 19-30.

A fundação da congregação: *V. 19) Então os que foram dispersos, por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão, se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. 20) Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene, e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. 21) A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor.* Aqui Lucas, mais uma vez, se refere à dispersão dos discípulos que seguiu à execução de Estêvão, cap. 8. 1. Foram dispersos por causa da tribulação da perseguição que sobreveio a Estêvão, e na qual os membros da congregação em geral estiveram envolvidos. Alguns dos discípulos, naquele tempo, viajaram pela terra da Fenícia, a terra ao norte da Galiléia, que margeia o Mar Mediterrâneo, cuja antiga capital foram Tiro e Sidom. Outros cruzaram para a ilha de Chipre, que está localizada na parte leste do Mediterrâneo. E outros ainda subiram para Antioquia, uma cidade no norte da Síria, junto ao Orontes. Era uma cidade bela e um importante centro comercial, por causa de seu porto Selêucia, famoso por sua arte e literatura, mas difamada por causa de sua luxúria e conseqüentes vícios. “O clima quente dispôs os nativos ao gozo mais exagerado de sossego e opulência; e a intensa licenciosidade dos gregos foi misturada com a moleza hereditária dos sírios. O aparente era a única lei, prazer a única busca, e o esplendor das vestes e dos móveis era a única distinção dos cidadãos de Antioquia. A cultura da luxúria era honrada; as virtudes sérias e valorosas estavam sujeitas ao ridículo; e o desprezo à modéstia feminina e à idade venerável anunciava a corrupção generalizada da capital do leste.”<sup>18)</sup> Visitando estas várias regiões e suas cidades, os discípulos, no começo, limitaram sua pregação aos judeus. Todos estavam labutando sob a desvantagem do mesmo preconceito como os cristãos de Jerusalém. Mas alguns destes homens vieram da ilha de Chipre e da província da Cirenaica, no norte da África. Como judeus helênicos eram, desde o começo, mais liberais em seus pontos de vista e em sua prática do que os judeus da Judéia. Por isso estes homens tiveram o propósito e o costume de falar a palavra também aos gregos, aos gentios de Antioquia, pregando o evangelho glorioso de Jesus Cristo. Este foi um agir correspondente à compreensão correta da universalidade da religião cristã. O trabalho de Pedro abriu o caminho, mas o trabalho em Antioquia foi a primeira invasão vigorosa do mundo gentio pelas forças do exército do Senhor. O Senhor deu imediatamente amostra de sua sanção e santificação completas, pois sua mão estava com estes homens, seu poder acompanhava os seus esforços, a um grande número de gregos se voltaram pela fé ao Senhor. Notemos: O evangelho de Jesus Cristo é o meio de acender a fé nos corações das pessoas. A fé é infundada pelo evangelho; cada um que crê, é convertido por este penhor. Mas é a mão, o poder do Senhor, que opera arrependimento e fé por meio da pregação da palavra, mesmo quando isto é feito pela boca de discípulos fracos, homens e mulheres que confessam a convicção de seu coração.

<sup>18)</sup> 42) Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, Chapter XXIV.

Barnabé em Antioquia e Tarso: *V. 22) A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia. 23) Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se, e exortava a todos os que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. 24) E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; 26) tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E por todo um ano se reuniram naquela igreja, e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos.* Jerusalém, sendo o quartel-general dos apóstolos, era ainda considerada a capital do cristianismo. Mas, no que dizia respeito aos cristãos da Samaria, já fora feita a proclamação da unidade na fé, cap. 8. 14-17. Por isso, quando a notícia chegou para Jerusalém e foi do conhecimento da congregação, os irmãos formalmente delegaram Barnabé para descer para Antioquia. Caso a notícia estivesse baseada sobre fatos, então ele também devia estabelecer relações fraternas como os discípulos desta grande metrópole. Barnabé fez esta viagem, chegou ao objetivo de sua viagem, e foi mais do que recompensado. Viu a graça de Deus; foi completamente convencido pelas muitas provas da ação da graça de Deus em todos os lados; sua atitude não foi outra do que reconhecer este fato com grande alegria e agradecimento. E ele, como um verdadeiro filho de consolação e exortação encorajou e admoestou a todos os irmãos a permanecer inabalável com o Senhor, ou de se apegarem a ele com toda a devoção de coração. E os benefícios e as bênçãos da fé sobrevirão somente àquele que permanece firme na fé. E conservar os cristãos em sua fé é um dos propósitos do evangelho. Esta pregação e admoestação de Barnabé causaram ainda maior impressão, porque ele próprio foi um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. Sua pregação e exortação não foram semelhantes ao dizer mecânico duma lição, mas fluiu do fundo de sua convicção de fé e do poder do Espírito Santo, que nele habitava. Não é absolutamente essencial para a proclamação da palavra, mas por outro tem influência sobre o vigor e vividez da apresentação, que o pregador tenha total convicção da verdade das Escrituras e dos grandes fatos do evangelho. O efeito em Antioquia foi imediato e maravilhoso: uma grande multidão foi convertida ao Senhor. Tendo sido assegurada a instalação da congregação e estando o trabalho crescendo cada dia em seu escopo, Barnabé pensou em seu amigo Saulo em Tarso, que distava a pequena distância de Antioquia, e que, como bem o sabia Barnabé, fora destinado para trabalhar entre os gentios. Por isso Barnabé atravessou o mar para Tarso para encontrar Saulo, e tendo-o achado, levou-o para Antioquia. Estes dois homens trabalharam agora juntos por um ano inteiro na igreja de Antioquia, com suas centenas e milhares de almas necessitadas da salvação. “Os esforços unidos de dois homens, como estes, por um ano todo, numa comunidade em que o evangelho já fora inserido vantajosamente, não podia ficar sem grandes resultados; e os resultados definitivos foram muito além de tudo quanto então podiam ter cogitado; pois estavam agora erigindo, por assim dizer, a segunda capital do mundo cristão, donde partiram, não muito depois, as missões mas frutíferas da idade apostólica.”<sup>19)</sup> Aqui em Antioquia também foi dada uma grande honra aos discípulos, pois aqui, pela primeira vez, foram chamados cristãos. Os gentios deram este nome aos que creram, porque estes confessaram a fé em Cristo. Desde então, este tem sido o nome que os cristãos levam com a maior honra. Comparemos cap. 26. 28; 1.Pe. 4. 16.

Barnabé e Saulo enviados para uma missão caridosa: *V. 27) Naqueles dias desceram alguns profetas de Jerusalém para Antioquia 28) e, apresentando-se um deles, chamado Agabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio. 29) Os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia; 30) o que eles, com efeito, fizeram enviando-o aos presbíteros por intermédio de Barnabé e Saulo.* “Naqueles dias”, nos dias do primeiro amor, quando o fogo do zelo pelo Senhor e o amor aos irmãos ainda ardiem bem alto, também eram encontrados dons excepcionais do Espírito nas congregações. Tendo sido estabelecido o relacionamento fraterno com a congregação de Jerusalém, desceram alguns profetas dessa cidade para Antioquia, que eram homens que haviam recebido o dom especial de serem capazes para predizer o futuro. Um destes profetas, um homem chamado Agabo, pelo poder do Espírito indicou que uma grande fome estava destinada a vir sobre o mundo todo. Esta predição, como Lucas observa, se cumpriu no reino do imperador Cláudio. Como todos os historiadores seculares de renome, entre eles Suetônio, Dião Cássio e Tácito, como também

<sup>19)</sup> 43) McGarvey, *New Commentary on Acts*, 227.

Eusébio, testemunham, uma dura fome atingiu todo o mundo civilizado, naquele tempo, notavelmente as regiões ao longo do Mediterrâneo. Agora, porém, se manifestou o amor a Cristo que pela fé vivia nos cristãos. Cada um dos discípulos, de acordo com sua capacidade individual, se comprometeu enviar, na proporção de seus próprios meios, para servir para o alívio daqueles irmãos na fé que viviam na Judéia. Visto que Antioquia era uma cidade próspera, é possível que muitos dos cristãos que lá viviam participaram, de uma ou outra maneira, nesta prosperidade, e tiveram a possibilidade de dar ajuda material aos irmãos que estiveram numa situação menos afortunada. Por isso, quando a necessidade aconteceu, a congregação de Antioquia enviou ajuda, muito provavelmente na forma de dinheiro, aos anciãos de Jerusalém pelas mãos de Barnabé e Saul. Os anciãos, os presbíteros, incluídos todos os dirigentes da congregação, tanto os que se atrefavam com a palavra e com a doutrina, como aqueles que trabalhavam como diáconos. Os apóstolos eram mestres extraordinários, não só da congregação de Jerusalém, mas de toda a igreja. O exemplo dos cristãos de Antioquia muito bem pode servir em todos os tempos de emulação. Cristãos individuais e congregações inteiras não deviam ter em mente só suas próprias necessidades, mas também deviam ter em mente as dos outros, e lembrar-se em especial daqueles que os serviram com dons e bênçãos espirituais, por meio da pregação do evangelho.

**Resumo:** Pedro explica e defende sua ação em Cesaréia contra os escrúpulos dos críticos judaizantes, a congregação de Antioquia é fundada por alguns dos discípulos dispersos e é estabelecida por Barnabé, que mais tarde teve o auxílio de Saulo.

## Capítulo 12

*Herodes Persegue A Igreja De Jerusalém E É Punido Por Deus.* At. 12. 1-25.

Tiago decapitado, Pedro preso: *V. 1) Por aquele tempo mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar, 2) fazendo passar ao fio da espada a Tiago, irmão de João. 3) Vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu, prendendo também a Pedro. E eram os dias dos pães asmos. 4) Tendo-o feito prender, lançou-o no cárcere, entregando-o a quatro escoltas de quatro soldados cada uma, para o guardarem, tencionando apresentá-lo ao povo depois da páscoa. 5) Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele.* Por aquele tempo, no tempo quando Barnabé e Saulo foram enviados para sua missão de caridade, muito provavelmente no ano 45 ou no começo de 46 A.D. Herodes Agripa I, um neto de Herodes o Grande, ocupou desde o ano 41 toda região que anteriormente fora governada pelo seu avô, tendo o título de rei, mas sob a supremacia romana. Seu poder superava o de um governador comum, e ele se empenhou com afincio para manter sua posição por meio duma atitude correta de lisonja deferência ao imperador. Ele, por meio duma gradual promoção ascendera à sua situação atual, tendo-lhe sido primeiro dada a tetrarquia de Filipe (Batânia, Traconites e Auranites), não muito depois a tetrarquia de Lysâneas, com o título de rei, e logo depois a tetrarquia de Herodes Antipas (Galiléia e Peréia), e finalmente a Samaria e a Judéia. Sem qualquer motivo especial, mas aparentemente só por querer mostrar seu poder tirânico, este Herodes permitiu que sua mão pesada caísse sobre certos membros da igreja de Jerusalém, para oprimi-los pesadamente e para os torturar e afrontá-los. Ele, em primeiro lugar, matou, deliberadamente assassinou, a Tiago, o irmão de João, com a espada. Lucas, a propósito, não emprega alguma palavra de indique uma execução, e isto com alguma aparência de direito, mas ele emprega a palavra correta e apropriada: assassino. Este Tiago o maior, do filho de Zebedeu, precisa ser distinguido de Tiago o menor, o filho de Alfeu. Aqui se cumpriu a predição do Senhor, Mt. 20. 23: Tiago, o primeiro mártir das fileiras dos apóstolos, bebeu o cálice do Senhor, e foi batizado com seu batismo. Para a congregação de Jerusalém, este ato cruel e injustificado do rei deve ter sido a causa de muita angústia, quando da jovem igreja tirou, como realmente foi o caso, um de seus mestres principais. Os fogos da perseguição haviam esmorecido para algumas brasas fumegantes, mas a ação de Herodes atçou-as em novas chamas; os judeus, inimigos inveterados da cruz, se agradaram com o afastamento dum líder da seita odiosa; julgaram a ação inteiramente conforme

suas vontades. Por isso, Herodes, que se vangloriava de sua piedade farisaica, juntou um segundo ato injustificado, que foi o de capturar a Pedro, de prendê-lo sem qualquer motivo ou acusação, mas simplesmente porque isso era conforme seu capricho. Mas, porque exatamente naquele tempo era celebrada a festa dos pães asmos, Herodes, zeloso para, de todas as formas, mostrar seu zelo pelos costumes religiosos judaicos, fez que Pedro fosse capturado e lançado em prisão, visto ser sua intenção citá-lo na presença do povo depois dos dias da festa da páscoa. Aqui os nomes das festas estão trocados, visto que eram usados indiscriminadamente. Herodes, para ter certeza de que sua vítima não pudesse escapar, tomou precauções incomuns, entregando-o na custódia de quatro grupos de quatro soldados, sendo quatro os soldados para cada uma das quatro rondas da noite. Provavelmente foi seguido o costume romano, conforme o qual o prisioneiro era acorrentado a dois guardas na cela, enquanto dois vigiavam do lado de fora. Com tanta gente em Jerusalém para a festa, Herodes esperou ganhar ainda mais popularidade com estas medidas, mas, principalmente, pela final do apóstolo na presença do povo. O que ele não imaginou foi que por seu ato ele estava opondo seu poder tão insignificante contra o poder do Deus onipotente e contra o Cristo exaltado, que é um fato que Lucas expressa com o contraste: Agora Pedro realmente foi vigiado na prisão, mas sem cessar eram feitas orações pela congregação a Deus em seu favor. Causa tristeza que em nossos dias não é percebido suficientemente o poder da oração. Se individual e coletivamente as congregações fizessem uso da oração, oração incessante e insistente, então o sucesso de muitos empreendimentos seria algo previsível. Notemos que a oração dos cristãos foi feita pelo bem de Pedro, provavelmente não só por sua libertação, mesmo que soubessem que ao Senhor isto era algo fácil, mas por força e firmeza para suportar, se preciso, perseguição e martírio por amor ao seu Senhor.

O resgate milagroso: *V. 6) Quando Herodes estava para apresentá-lo, naquela mesma noite Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere. 7) Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. Então as cadeias caíram-lhe das mãos. 8) Disse-lhe o anjo: Cinge-te, e calça as tuas sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a tua capa, e segue-me. 9) Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe antes uma visão. 10) Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade, o qual se lhes abriu automaticamente; e, saindo, enveredaram por uma rua, e logo adiante o anjo se apartou dele.* Enquanto isto, enquanto o tirano Herodes antevia novos triunfos, e enquanto os membros da congregação faziam incessantes orações por Pedro, encerrava-se o último dia da festa. Naquela mesma noite, a noite anterior ao dia em que Herodes quis levar seu prisioneiro à presença do povo e executá-lo na presença dele, foram tomadas precauções extraordinárias para que Pedro não escapasse. Pedro, porém, pareceu pouco preocupado com os fatos do dia seguinte. Estava dormindo entre dois soldados incumbidos disso, preso a eles por meio de duas correntes, provavelmente assim que cada uma de suas mãos estava presa a cada um dos soldados, “sendo as duas correntes usadas para haver maior segurança talvez por causa da fuga anterior,” cap. 5. 19. Além disso, sentinelas ante as portas guardavam a prisão, pra impedir qualquer tentativa externa de resgate. O Senhor, contudo, não pode ser impedido e barrado em seus planos por meio de precauções tão frágeis. O anjo do Senhor, cuja vinda nem guardas e nem portas trancadas podem impedir, apareceu de repente, parado ao lado de Pedro. Incidentalmente, brilhou uma luz na cela, pois ela era precisa na densa escuridão da prisão interior. O anjo precisou dar um golpe forte no lado de Pedro para o acordar de seu sono profundo, visto que o apóstolo colocou de maneira tão completa sua confiança quanto ao dia seguinte no Senhor, que ele descansou e dormiu de modo tão perfeito como sempre o fez no sossego de seu próprio lar, Sl. 127. 2. O anjo, tendo acordado a Pedro, ergueu-o sobre seus pés, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, para ter pressa. Isto foi tornado possível, porque, naquele mesmo momento, as correntes lhe caíram das mãos. Mas, Pedro ainda esteve num estado meio sonâmbulo e aturdido, não percebendo o que acontecia, sendo o anjo obrigado a dar-lhe novas instruções. Devia fixar seu sinto ao redor de sua túnica, vestir suas sandálias. Pedro obedeceu automaticamente. Devia vestir sua grossa capa, atirando-a sobre si antes de entrarem na noite fria. E Pedro seguiu na mesma maneira desconexa e automática. Notemos a descrição vívida, a descrição pitoresca. Agora Pedro seguiu ao anjo quando este

saiu, mas sua mente ainda não esteve suficientemente clara para que pudesse dizer se era real o que lhe era feito pelo mensageiro de Deus; ela ainda imaginou que enxergava uma visão. Foi assim que passaram pela primeira guarda, onde os sentinelas estavam postos, a seguir também pela segunda, onde estavam a serviço os guardas de toda a prisão. Chegaram ao grande portão de ferro que levava para a cidade, o qual era suficientemente pesado e maciço para em tempos regulares barrar o caminho com eficiência. Mas neste instante o pesado portão se abriu espontaneamente, automaticamente, oferecendo-lhes uma imensa abertura para escapar. Saindo, seguiram pela rua, até que não houvesse mais outro obstáculo à fuga dos apóstolos, quando o anjo partiu, de modo tão repentino como aparecera. Foi um resgate maravilhoso da prisão e do martírio que o Senhor aqui concedeu ao seu servo, porque se agradou em usá-lo para a expansão de seu evangelho. Sempre que são executados os planos do Senhor, ele resgatará os que são os seus das cadeias e da prisão e da própria boca da morte. O exército dos anjos que se acampa ao redor do pequeno rebanho de cristãos protege-os contra todos os assaltos e todas as perseguições, mas isso tão só autorização do Senhor.

Pedro na casa de Maria: *V. 11) Então Pedro, caindo em si, disse: Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico. 12) Considerando ele a sua situação resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam. 13) Quando ele bateu ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era; 14) reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão. 15) Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. Então disseram: É o seu anjo. 16) Entretanto Pedro continuava batendo; então eles abriram, viram-no e ficaram atônitos.* Depois da partida do anjo, a quem até então seguira de modo tão aturdido, Pedro, finalmente, veio a si mesmo, ou seja, acordou totalmente e sacudiu a letargia do sono e retomou o uso correto de seus sentidos. Agora também compreendeu tudo quanto o Senhor fizera por ele. Agora teve certeza que o Senhor enviara seu anjo e o livrara da mão de Herodes e de toda expectativa ansiosa do povo judeu. Não havia outra maneira para explicar o fato que as pesadas cadeias haviam caído de seus braços, que o sono dos soldados ao seu lado fora tão ferrado, que as sentinelas dos dois postos haviam sido feridas de cegueira e surdez, e que estava aqui, livre, seguro e sadio. E foi deste modo que Pedro pintou para si mesmo a cena do dia seguinte, o desapontamento do povo e a irritação do monarca cuja mão e cujo poder se haviam mostrado tão fracos. Foi este lado do caso que, antes de tudo, se lhe apresentou. Mas quando se conscientizou de modo ainda mais pleno da situação, ocorreu-lhe que nisso o Senhor lhe estava dando um sinal. E foi assim que lhe veio a idéia de fugir, e dos passos imediatos que devia tomar para salvar-se. Por isso se dirigiu para a casa dum dos discípulos, Maria, a mãe de João, com o cognome Marcos, onde muitos dos irmãos e irmãs estavam reunidos como congregação, dedicadamente empenhados em oração. Notemos: Apesar do avançado da hora, pois a noite já havia avançado muito, os discípulos estiveram acordados, sendo movidos a isto pela sua carinhosa solicitude e consideração reverente ao seu mestre, não se tendo eles cansado de orar por ele e seu bem-estar, sendo um exemplo que sempre devia ser guardado em mente. Pedro, tendo chegado à plena consciência, não teve dificuldade, por causa da claridade da lua em seu quarto minguante, para encontrar a casa de Maria. Bateu na portinhola do grande portão que conduzia para entrada da passagem arqueada, e uma serva, uma jovem escrava, de nome Rode, veio atender sua batida. Mas, quando ela, depois de ter pedido por identificação, reconheceu a voz de Pedro, esteve quase fora de si de tanta alegria, e se esqueceu de abrir o portão para Pedro. Ela, em alvoroçada ansiedade, correu de volta para a casa e anunciou aos discípulos reunidos que Pedro estava parado lá fora. Mas sua ousada mensagem foi recebida com o brado incrédulo: Deves estar fora de teu juízo. E quando ela insistiu com grande veemência que o caso era realmente esse, e que ela não podia ter-se enganado em reconhecer sua voz, eles ainda não quiseram crer, mas declararam que devia ser o anjo de Pedro, Mt. 18. 10; Hb. 1. 14. Estiveram da opinião que o anjo da guarda de Pedro assumira sua forma e sua voz e que estava parado ante a porta. Pedro, enquanto isto, continuou a bater na porta, ansioso em sair da rua, onde sempre havia o perigo que algum pedestre tardio o pudesse reconhecer. Por isso, finalmente, abriram a porta, o viram e reconheceram, e ficaram muito admirados. Suas orações haviam sido ouvidas muito mais do que haviam esperado. O milagre era grande demais para que o pudessem compreender. A mão

do Senhor está desta forma com seus servos para os proteger em toda sua obra no ministério que lhes confiou. Notemos o relacionamento carinhoso e íntimo entre a serva Rode e os demais membros da casa. Se esta história fosse tomada como exemplo, tanto por patrões como por empregados, então não haveria qualquer problema de trabalho em nossos dias.

Pedro deixa Jerusalém: *V. 17) Ele, porém, fazendo-lhes sinal com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão, e acrescentou: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. E, saindo, retirou-se para outro lugar. 18) Sendo já dia, houve não pouco alvoroço entre os soldados sobre o que teria acontecido a Pedro. 19) Herodes, tendo-o procurado e não o achando, submetendo as sentinelas a inquérito, ordenou que fossem justificadas. E, descendo da Judéia para Cesaréia, passou ali algum tempo.* Neste momento Pedro já era dono de si mesmo e da situação. Soube que qualquer irrupção de alegria poderia não só atrair a atenção da vizinhança, mas também poderia resultar na perda de tempo precioso. Por isso ergueu a mão num gesto que ordenava silêncio, e rapidamente lhes contou como o Senhor por meio duma libertação sobrenatural operada por um anjo o conduzira para fora da prisão. Pediu-lhes a seguir que dissessem ou notificassem a mudança dos fatos a Tiago e aos outros irmãos. Este Tiago, muito provavelmente, não foi Tiago filho de Alfeu, mas Tiago o irmão do Senhor, que colaborava com Pedro em Jerusalém no tempo da primeira visita e que era muito distinto entre os anciãos da congregação, Gl. 1. 19; 2. 9. Mas Pedro, agindo sob a clara sugestão de Deus, partiu e viajou para outro lugar. Sua presença já não era mais necessária em Jerusalém, mas o Senhor precisava dele e de seus serviços em outro lugar. No irromper do amanhecer, houve grande comoção e agitação entre os soldados. Havia sido incumbidos da guarda dum preso, muito provavelmente com as instruções que deverão responder com suas próprias vidas pela sua presença na manhã seguinte, mas eis! que o prisioneiro se foi; e eles não tinham qualquer idéia sobre o que acontecera a Pedro. Naturalmente o relato teve que ser entregue ao oficial encarregado da prisão, o qual, por sua vez, o trouxe ao conhecimento de Herodes. Muito provavelmente pode ter acontecido que o tirano, indignado por ter sido derrotado no momento final, veio pessoalmente à prisão para uma investigação minuciosa. Mas foi em vão; não achou a Pedro. E assim, como é próprio ao modo irritado de tiranos irracionais, inquiriu mais uma vez os guardas e então ordenou que fossem mortos, provavelmente por frontal negligência do dever ou por cumplicidade na fuga dum prisioneiro perigoso. Apesar disso, Jerusalém, depois disso, não mais parecia para Herodes um lugar de permanência segura. Não fica claro, se sua consciência o incomodou, ou se temia os olhares desaprovadores e provavelmente triunfantes dos líderes judeus. Deixou a Judéia propriamente dito e passou algum tempo em Cesaréia. A consciência dum tirano, propositalmente inculpada de crimes injustificados, não lhe permitirá muito descanso. Sente-se constrangido em meio à luxúria e é impelido de um lugar ao outro.

O juízo de Deus sobre Herodes: *V. 20) Ora, havia séria divergência entre Herodes e os habitantes de Tiro e de Sidom; porém estes, de comum acordo, se apresentaram a ele e, depois de alcançar o favor de Blasto, camarista do rei, pediram reconciliação, porque a sua terra se abastecia do país do rei. 21) Em dia designado, Herodes, vestido de traje real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra; 22) e o povo clamava: É voz de um deus, e não de homem! 23) No mesmo instante um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou. 24) Entretanto a palavra do Senhor crescia e se multiplicava. 25) Barnabé e Saulo, cumprida a sua missão, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, apelidado Marcos.* Aqui Lucas, para completar a narrativa, acrescenta breves palavras sobre o caso da morte de Herodes Agripa I. Herodes era o rei da Palestina e de todas as províncias ao sul da Síria, mas a Fenícia, que pertencia à Síria, era um espinho e seu olho. Se foi meramente por um caso de guerra comercial ou de inveja por causa de alguma vantagem que os da província marítima gozavam, Herodes esteve envolvido numa disputa violenta com eles, caso que facilmente poderia ter culminado num violento embate. Mas as cidades ao longo da costa não podiam ousar-se a tanto, visto que recebiam o cereal e outros mantimentos da Palestina. Por isso de modo unânime o esperaram, fato para o qual haviam instruído seus delegados. Além disso, lograram conseguir a boa vontade de Blasto, o camareiro ou ministro de finanças de Herodes, obtendo sua boa vontade para usar seus bons ofícios para a manutenção da paz e para a remoção do motivo da rixa. De modo algum está fora do âmbito da história ou além duma racional possibilidade supor que foi recorrido ao suborno, e que deste modo foi

alcançada a boa vontade do rei. Herodes se sentiu muito lisonjeado com seu sucesso neste assunto, e por isso, em dia determinado, recebeu uma embaixada dos fenícios, engalanado no esplendor de suas vestes reais e assentado em seu trono, do qual formalmente se dirigiu aos comissionados e ao povo reunido. E toda a multidão de pessoas, sabendo que no caso dum tirano a bajulação terá mais sucesso do que o fariam argumentos racionais no caso duma pessoa sensível, exclamou: É voz dum deus e não dum homem! O tirano, em vez de desaprovar com todos os sinais de horror aos bajuladores, sentiu-se muito favorecido com a exclamação deles. Foi por isso que o castigo de deus atingiu imediatamente a Herodes. Um anjo do Senhor, um ministro da divina vontade, feriu-o por tirar a glória a Deus e por assim tornar-se culpado da mais vil blasfêmia. Foi dominado de dores violentas no abdômen, causadas pelo fato de estar sendo devorado por vermes, prolongando-se sua agonia por cinco dias, quando deu seu último suspiro. Este foi um juízo visível de deus sobre o perseguidor da igreja. Desde então muito tirano já sentiu por causa de sua blasfêmia a pesada mão do Senhor, e teve um fim terrível. Mas a morte de Herodes removeu a pressão sobre as congregações de todos os lugares. A palavra de Deus cresceu, se espalhou e se multiplicou. O afastamento do obstáculo deu um novo ímpeto à pregação do evangelho. E Barnabé e Saulo, tendo acabado sua comissão e completado sua obra de caridade com a entrega do dinheiro que lhes fora confiado e dos sinceros votos de sucesso da congregação de Antioquia para o uso dos sofrendores, retornaram de Jerusalém, levando consigo João, com o sobrenome Marcos. Foi seu companheiro nesta viagem de volta para Antioquia, e incidentalmente recebeu algum treinamento na obra ministerial propriamente dita, que sempre tem seu valor para um jovem que como um pregador deseja entrar no serviço do Senhor.

**Resumo:** Herodes decapita a Tiago e aprisiona a Pedro, sendo este último liberto por um anjo do Senhor, enquanto o rei é ferido por Deus; depois do que a igreja entra novamente num período de prosperidade.

## Capítulo 13

*Paulo E Barnabé Na Ilha de Chipre.* At. 13. 1-12.

Barnabé e Saulo delegados como missionários: *V. 1) Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes o tetrarca, e Saulo. 2) E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. 3) Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.* Aqui Lucas começa a segunda grande parte de seu livro dos Atos. Após ter narrado a história do estabelecimento da igreja, ele agora progride fornecendo um relato histórico das atividades missionárias de Paulo e de sua captura em Cesaréia e Roma. Havia na congregação local de Antioquia, como membros importantes e influentes, certos profetas e mestres, que foram homens a quem o Espírito dera o poder de remover o véu do futuro sempre que ele o quera, e homens que tinham o dom do ensino de maneira incomum. Os dois dons estavam unidos em alguns deles, como no caso de Paulo, Gl. 2. 2; 2. Co. 12. 1. Não é de maior sentido, se estes homens realmente pertenceram aos presbíteros da congregação ou não; eles, de qualquer modo, ocupavam posições de honra e importância entre os irmãos da congregação. É plenamente possível deduzir do texto que os três primeiros se distinguiam especialmente pela sua capacidade profética, e os dois últimos por seu dom de ensino. Primeiro é citado Barnabé, como o homem a quem a congregação realmente devia seu sadio estabelecimento. A seguir Simeão com o sobrenome Níger, depois Luciano de Cirene, sendo este provavelmente um dos discípulos que primeiro pregou em Antioquia, cap. 11. 20. No segundo grupo são mencionados Manaém, que foi um homem de alguma influência, pois, como alguns julgam, gozara a distinção de ter sido criado, educado, na companhia de Herodes Antipas, como seu irmão de criação, e finalmente Saulo. A ordem em são mencionados mostra a relativa importância que lhes foi concedida, como é comum no escrito cuidadoso de Lucas. A estes homens o Espírito Santo deu uma tarefa, enquanto estiveram servindo ao Senhor no ministério da palavra, no ensino e na oração do culto público, e também observavam o costume do jejum que assumiram dos preceitos judeus, mas que provavelmente

não observavam no mesmo dia, escolhendo quarta e sexta-feira em vez de segunda e quinta-feira. Ele deu ordens, tenha sido numa visão ou por comunicação profética direta a qualquer um deles, que Barnabé e Saulo agora deviam ser separados, colocados numa classe aparte, com o objetivo de realizar a obra para a qual ele os chamara. Por isso, não somente Saulo mas também Barnabé havia sido selecionado pelo Senhor para uma tarefa especial em favor de seu reino, para a proclamação do evangelho entre os gentios. Tendo a vontade de Deus sido revelada desta forma, a congregação realizou um culto solene de ordenação. Tendo jejuado em preparação para o evento, eles se uniram em premente oração que Deus abençoasse e desse sucesso aos dois servos escolhidos em seu trabalho, e então lhes impuseram as mãos em sinal de bênção e em sinal de que foram designados oficialmente. Foi este o método de separar e delegá-los ao ofício ou trabalho para o qual o Senhor os quis. Notemos: Em ocasiões semelhantes, mesmo em nossos dias, quando um homem é separado para o ministério da palavra, ou quando um pastor é chamado para novo campo, de modo nenhum deve ser menosprezado mas sempre é correto e do agrado de Deus para os que estão envolvidos no momento, que, por meio de seus pastores ou dirigentes da igreja, se lhes imponha as mãos, e se observe o costume de jejuar, tornando assim o fato uma ocasião solene. Depois desta cerimônia os dois missionários foram enviados, despedidos, pela congregação. Eles saíram como os delegados da igreja, como os representantes de toda a congregação, para proclamar o evangelho aos gentios. Em nossos dias, não pouco, se perde este fato de vista, e conseqüentemente não é mais tão vivo o sentimento de responsabilidade pela missão da igreja, como podia e devia ser. Neste sentido temos necessidade de muita melhora.

Na ilha de Chipre: *V. 4) Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre. 5) Chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas judaicas; tinham também João como auxiliar. 6) Havendo atravessado toda a ilha até Pafos, encontraram certo judeu, mágico, falso profeta, de nome Barjesus, 7) o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, que era homem inteligente. Este, tendo chamado Barnabé e Saulo, diligenciava para ouvir a palavra de Deus.* Barnabé e Saulo, tendo sido enviados pelo Espírito Santo significa que sua separação visível ocorrera perante e em nome da congregação, mas que haviam sido designados por uma revelação especial do Espírito, tendo por isso o chamado vindo do Espírito e sendo somente transmitido pela congregação e seus dirigentes. Os missionários de nossos dias, com isto em mente, tendo recebido o chamado do Senhor por meio da congregação ou de seus dirigentes, podem partir para o trabalho de seu ministério tendo exatamente a mesma alegria e confiança como tiveram os dois homens que deixaram Antioquia da Síria no ano agitado de 46 p.C. Primeiro desceram para Selêucia, que foi o porto de Antioquia, que se situava junto à foz do Orontes, onde embarcaram para a ilha de Chipre. Cruzaram o braço do Mar Mediterrâneo, numa distância de uns 110 Km, e aportaram em Salamina que era um porto na costa sudeste. Como servo esteve com eles João Marcos, como um irmão jovem que, com muita propriedade, os poderia auxiliar em qualquer trabalho eclesiástico, recebem ele próprio também o benefício de seus ensinamentos. Os dois missionários, chegados a Salamina, imediatamente fizeram os preparos para proclamar a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. Esta foi a regra que observaram: primeiro os judeus, depois os gregos. Deste modo viajaram demoradamente por toda a ilha, que naquele tempo era densamente habitada. A distância até o lado oeste da ilha era de uns 180 Km, onde ficava Pafos, a capital, onde havia um famoso santuário dedicado à deusa pagã Vênus, e onde, por isso, a idolatria era praticada de modo horrível. Aqui residia o procônsul da ilha, Sérgio Paulo, um homem prudente, perceptivo, que possuía boa dose de senso comum. Notemos: A confiabilidade de Lucas como historiador tem sido sustentada contra os ataques tolos contra esta passagem. Antigamente Chipre fora governada por um propretor, mas em 22<sup>a</sup> C. o caso foi transferido por Augusto ao senado, sendo, por isso, procônsul o título correto.<sup>20)</sup> Aos que viviam na casa do procônsul esteve ligado um caráter peculiar na pessoa dum certo Barjesus, um bruxo judeu, uma espécie de vidente da côrte, um mágico e confessor. Pessoas de sua espécie eram encontradas naqueles dias em muitas das côrtes e muitas vezes exerciam grande influência sobre seus patrões. Mas Sérgio Paulo, evidentemente, esteve cansado do pasto espiritual que este mágico judeu era capaz de conceder, sendo que os oráculos e augúrios, afinal de contas,

---

<sup>20)</sup> 44) Hopkins, *Evidences of Christianity*, Lecture X; Zahn, *Einleitung*, II, Exkurs II, 632.

não satisfaziam a quem desejava uma base sólida como sua crença. Por isso mandou buscar Barnabé e Saulo e, de coração, desejou ouvir a palavra de Deus. É provável que os assediava com perguntas sobre a palavra e sobre suas atividades em favor dela, e enquanto que, de modo algum, esteve predisposto para aceitar o evangelho, ele, antes de examinar o que ela oferecia, modo nenhum, ridicularizou sua pregação. Se as pessoas de hoje e de nossa idade, que alegam ter tanto uma boa educação como um belo grau de bom senso e liberalidade, ao menos seguissem o exemplo do procônsul cipriota e fizessem o exame franco dos valores do evangelho. As possibilidades existem que seus preconceitos naturais rapidamente seriam removidos.

A oposição de Elimas: *V. 8) Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico, (porque assim se interpreta o seu nome), procurando afastar da fé o procônsul. 9) Todavia Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: 10) Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? 11) Pois agora eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante caiu sobre ele névoa e escuridade e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão. 12) Então o procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor.* Barnabé e Saulo estavam conseguindo algum resultado com o procônsul, quando se viram diante da oposição dum adversário muito perigoso. Pois este conselheiro do procônsul, que astutamente se insinuara na intimidade de seu patrão, usando o nome Elimas, “o mágico”, como uma espécie de sobrenome, usou toda sua influência para frustrar as tentativas dos missionários para a conversão de Sérgio Paulo, sendo seu objetivo desviá-lo da fé. O governador provavelmente evidenciou uma forte inclinação para aceitar a verdade do evangelho, e o bruxo soube que esse acontecimento proferiria a ruína para ele, ou seja, a perda de sua posição. Saulo assumiu a liderança nesta situação crítica, o que até agora deixara para Barnabé, mas desde este tempo Saulo foi dos dois o mais proeminente. Lucas indica isto aqui, inserindo o nome pelo qual Saulo foi conhecido doravante, e que marcou seu apostolado no mundo gentio. Aqui Paulo se tornou o alvo duma manifestação extraordinária da influência do Espírito Santo, no poder do qual atacou o mágico na presença do próprio procônsul. Fixando os olhos no judeu hipócrita, disse-lhe: Tu és filho do diabo, cheio de engano, fraude, astúcia e toda perversão. A efetiva oposição do feiticeiro mostrou que era o inimigo natural dos mensageiros de Deus, e de toda justiça, que tentavam difundir. Paulo Perguntou se não cessaria e não desistiria de agir como alguém que perverte, como alguém que faz sua a tarefa de confundir e desviar, os retos e corretos caminhos do Senhor? E o castigo do Senhor já seguiu. Junto com as palavras de Paulo a mão do Senhor caiu pesadamente sobre Elimas, fazendo que se tornasse totalmente cego e incapaz de distinguir a luz do sol por algum tempo, que durou até ao tempo em que o Senhor teve o favor de restaurar-lhe a visão. E não houve demora para que a maldição ocorresse. Imediatamente, no mesmo momento, caiu sobre ele uma névoa escura. Andava tateando às cegas, pedindo a um e outro dos temerosos presentes para que o guiasse pela mão e lhe mostrasse o caminho para se afastar da presença de Paulo. Precisou desta assistência porque sua cegueira era total. Esta demonstração do poder de Deus convenceu o procônsul. Foi tomado de pasmo diante da doutrina e foi dominado pelo ensino do Senhor e a respeito do Senhor. Creu, em seu coração foi gerada a fé em Jesus, o Salvador. Certas inscrições que foram achadas nas últimas décadas parecem mostrar que Sérgio Paulo doravante foi um cristão firme em Cristo, e que foi alistado com os cristãos. <sup>21)</sup> Notemos: Mesmo hoje são a trapaça e a astúcia do diabo que buscam impedir a conversão e a salvação das pessoas, impedir a eficácia da palavra divina, enviando falsos profetas e pregadores do erro. Estes estão cheios de astúcia e de fraude, sendo inimigos da verdadeira justiça. Mas Cristo, o Senhor de sua igreja, é mais forte do que Satanás, e realiza sua obra de salvação das almas. Porém, quanto aos apóstolos das trevas, eles finalmente são condenados a total cegueira e escuridão espiritual, tornando-lhes impossível encontrar o caminho correto.

*Em Antioquia, na Pisídia.* At. 13. 13-52.

---

<sup>21)</sup> 45) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 538-540.

A viagem e a chegada: *V. 13) E, navegando de Pafos, Paulo e seus companheiros dirigiram-se a Perge da Panfília. João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém. 14) Mas eles, atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga, assentaram-se. 15) Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a.* Algum tempo depois dos eventos relatados por Lucas nos primeiros versículos deste capítulo, Paulo e seus companheiros deixaram Pafos, velejando de lá em direção noroeste numa distância de uns 300 Km para a baía de Atália. Não desembarcaram em Atália, mas subiram o rio Cestro até a cidade de Perge que era a capital de Panfília, ficando um pouco mais de 12 Km do mar. É provável que Paulo queria avançar imediatamente dali para o interior da região, que naquele tempo estava infestada de bandos sem lei, de cujos assaltos e assassinatos circulavam muitas histórias. Por isso João Marcos não esteve à altura da ocasião, mas deixou os dois missionários por algum motivo carnal e retornou à sua casa em Jerusalém. Muitas vezes não só é preciso coragem e força natural, mas é preciso a coragem e o poder do alto para enfrentar com bravura as dificuldades e os perigos e trazem a mensagem do evangelho para praias estranhas, e com alegria precisa ser suportada a ausência dos luxos a que se esteve acostumado e, até, de confortos por amor à causa. Contudo, a defecção de Marcos não interferiu nos planos de Paulo, pois ele e Barnabé deixaram Perge e avançaram pela região inculta e sem lei dos planaltos da Pisídia aos vales mais além até que alcançaram a cidade de Antioquia, a uns 180 Km do Mediterrâneo. Situava-se numa posição estratégica, numa elevação baixa, que hoje apresenta um ermo desolado. Desde o ano 25<sup>a</sup>.C fora uma colônia romana, e, ainda que situada no distrito da Pisídia, nesse tempo era considerada uma cidade da província romana da Galácia, tendo os romanos, para fins de administração, incorporado uma parte da antiga Frígia e toda a Licaônia e Pisídia nesta província mais ampla.<sup>22)</sup> Desta forma Antioquia da Pisídia era, geograficamente e em parte como também quanto à língua, frígia, mas politicamente era gálata.<sup>23)</sup> O verão se aproximava do fim, provavelmente no mês de agosto do ano 46, que Paulo e Barnabé alcançaram Antioquia da Pisídia. Com energia característica se lançaram no trabalho. Dirigiram-se no sábado à única sinagoga da cidade e sentaram. Foi seguida a ordem usual do culto. Foi lida uma parte da lei, a seguir uma dos profetas. Depois vieram as exortações baseadas sobre as passagens lidas. O costume das sinagogas era convidar um rabi visitante para se dirigir à assembléia neste ponto. Por isso os chefes da sinagoga, que ocupavam lugares em destaque em frente da congregação, pelo servo enviaram a Paulo e Barnabé o convite: *Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação, de consolo, para o povo, dizei-a.* Tem pouca importância, se Paulo e Barnabé se haviam apresentado ou não previamente aos chefes da sinagoga, mas este pedido gentil favoreceu plenamente o seu objetivo.

Paulo inicia seu discurso: *V. 16) Paulo, levantando-se e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas, e vós outros que também temeis a Deus, ouvi: 17) O Deus deste povo de Israel, escolheu nossos pais, e exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso; 18) e suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta nos no deserto; 19) e, havendo destruído sete nações na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança, 20) vencidos cerca de quatrocentos e cinqüenta anos. Depois disto lhes deu juizes até o profeta Samuel. 21) Então eles pediram um rei, e Deus lhes deparou Saul, um filho de Quis, da tribo de Benjamim, e isto pelo espaço de quarenta anos. 22) E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.* Se o convite foi feito a Paulo com o sem ele o ter buscado, fato é que ele o aceitou imediatamente. Ele, levantando-se e erguendo a mão num gesto que convidada a prestar atenção, dirigiu-se aos seus ouvintes como homens de Israel e aqueles que temiam a Deus. As muitas referências à história dos filhos de Israel, que também se encontram nos sermões de Pedro, mas especialmente no de Estêvão, não só interessavam aos judeus, mas se mostravam altamente instrutivas aos prosélitos e estranhos que estavam presentes. Há certa porção de apelo ao orgulho nacional do povo, pois foi o Deus desta nação de Israel que escolheu, dentre todas as nações do mundo, os seus pais como sua posse pessoal. Pois, enquanto eram estrangeiros na terra do Egito, pela sua bênção não só

<sup>22)</sup> 46) Ramsay, *The Cities of St. Paul*, 262, 263.

<sup>23)</sup> 47) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 531, 415.

aumentaram em número mas também em força e poder. No deserto, ele, por quarenta anos, cercou e suportou-os com solícito cuidado, apesar de sua ingratidão. Na terra de Canaã, para onde o Senhor trouxe os filhos de Israel, ele destruiu completamente diante deles sete nações gentias, os girgaseus, os amoritas, os hititas, os ferizeus, os cananitas, os hititas e os jebuceus, Ex. 23. 23; Js. 3. 10, e dividiu por sorte a terra aos conquistadores. Para cumprir esta ordem do Senhor foi preciso um espaço de uns 450 anos desde a chegada do povo a Canaã até a final subjugação das nações gentias no tempo de Davi. O último e mais renomado dos juizes foi o profeta Samuel. Quando Samuel havia envelhecido, o povo exigiu dele um rei, e Deus lhe deu Saul, o filho de Quis, que reinou quarenta anos. Saul, porém, não trouxe ao seu povo a salvação prometida, sendo a Deus necessário removê-lo ou depô-lo do trono, 1.Sm. 15. 16; Dn. 2. 21. Mas, depois do afastamento de Saul, o trono foi dado a Davi, que Deus exaltou dentre os humildes da terra, e de quem ele testifica que achou a Davi, o filho de Jessé, como sendo o homem segundo o seu próprio coração, disposto e capaz de fazer a sua vontade. Paulo, atribuindo estas palavras a Deus, testifica da inspiração do Antigo Testamento, pois suas palavras, em vez de serem uma citação duma única passagem, são uma compilação de diversos versículos, Sl. 89. 20 e 1.Sm. 13. 14. O testemunho do Antigo Testamento é verdadeiro em todas as suas partes, visto que o Senhor falou por meio de seus servos.

A promessa do Messias: *V. 23) Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus; 24) havendo João primeiro pregado a todo o povo de Israel, antes da manifestação dele, batismo de arrependimento. 25) Mas, ao completar João a sua carreira, dizia: Não sou quem supondes; mas após mim vem aquele de cujos pés não sou digno de desatar as sandálias.* Com a menção de Davi, o grande herói da história judaica, Paulo abriu o caminho ao seu tema principal, que foi a promessa, o aparecimento, e a obra do Filho prometido de Davi. Já não foi mais necessário aos judeus ou à qualquer outra nação do mundo esperar ansiosamente pela vinda do Messias, visto que Deus trouxera a Israel, conforme sua promessa, 2.Sm. 7. 12, da descendência de Davi, o Salvador Jesus. E este evento recebera confirmação adicional no fato que João, em preparação de sua vinda, antes que ele aparecesse, pregara um batismo de arrependimento a todo o povo de Israel. O batismo de João também foi de arrependimento. O pecador, vindo ao batismo de João, fazia um reconhecimento público do fato de que era pecador, e que buscava remissão de pecados por meio da água do batismo. E quando João havia cumprido seu trajeto, perto do fim de sua carreira como pregador de arrependimento, ele testificara publicamente em favor de Cristo: Quem supondes que sou? Eu não sou ele; mas ele vem após mim, cujas sandálias não sou digno de carregar, Mt. 3. 11; Mc. 1. 7; Lc. 3. 16; Jo. 1. 19-27.

A profecia cumprida na morte de Jesus: *V. 26) Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a Deus, a nós nos foi enviada a palavra desta salvação. 27) Pois os que habitavam em Jerusalém, e as autoridades, não conhecendo a Jesus nem os ensinamentos das profetas que se lêem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias; 28) e, embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. 29) Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo.* Paulo se transporta, de modo muito abrupto, da simples exposição histórica a um apelo direto para que seus ouvintes sentissem um interesse pessoal nos assuntos que lhes apresentava. Inclui-os a todos na saudação de irmãos, tanto os filhos da família de Abraão que formavam os judeus por descendência e por nascimento, e os outros homens devotos presentes, assumindo que estavam cheios de temor e reverência para com Deus. A eles é enviada a palavra desta salvação, ela é vital a cada um deles. A não ser que uma pessoa entende que a obra de Cristo, ou seja, a inteira redenção, é de extrema importância para ela, então a pregação do evangelho lhe é sem valor. Paulo sentiu que este apelo urgente era necessário, pois sua próxima afirmação poderia parecer um ataque aos líderes dos judeus em Jerusalém. Os habitantes da capital bem como seus governantes não conheceram Cristo, não o reconheceram pelo que ele realmente era, e não compreenderam as vozes da profecia, que são as referências que há em todos os livros dos profetas, ainda que a cada sábado eram lidos nas sinagogas. Se tivessem tido uma compreensão correta, certamente não se teriam tornado culpados do mal que por fim cometeram, cap. 3. 17. Porém, na própria compreensão errada das profecias e na condenação de Cristo que disso resultou, eles cumpriram as profecias. Pois, ainda que não achassem nele qualquer culpa de morte, exigiram que Pilatos o abatesse por

crucificação. E quando haviam realizado tudo o que a respeito dele fora escrito, então, falando mais geralmente, eles, ou seja, alguns dos judeus, desceram-no da cruz e o deitaram num túmulo. O relato que Lucas faz do sermão de Paulo é provavelmente um breve resumo. Destaca-se, todavia, claramente o ponto que Paulo deseja fazer. Pois a crucificação de Jesus, a qual por si mesma devia ser considerada como prova de que ele não foi o Messias, se tornou num argumento irrefutável em seu favor. E incidentalmente a concepção particular e carnal que os judeus sustentavam sobre o Messias foi corrigida apropriadamente. O mesmo argumento muito bem pode ser usado em nossos dias, visto que os fatos da história do evangelho, comparados com a clareza das profecias do Antigo Testamento, transmitem convicção com força convincente.

O argumento da ressurreição de Cristo: *V. 30) Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos; 31) e foi visto muitos dias pelos que com ele subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo. 32) Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, 33) como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. 34) E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi. 35) Por isso também diz em outro Salmo: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção. 36) Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção. 37) Porém, aquele a quem Deus ressuscitou, não viu corrupção.* Paulo ousadamente coloca a afirmação no título desta parte de seu discurso: Mas Deus o ressuscitou dos mortos. Deve ser guardada na memória a importância total da ressurreição de Jesus para a fé cristã, visto que isto é fundamental à compreensão da redenção de Cristo. A primeira prova que Paulo apresenta em favor da ressurreição é o testemunho das testemunhas oculares. Jesus foi visto durante muitos dias por aqueles que da Galiléia viajaram com ele para Jerusalém, os quais agora estavam empenhados em trazer ao povo testemunho deste fato. Por causa da certeza deste milagre, não só as testemunhas oculares, mas também o presente orador e Barnabé traziam a notícia do evangelho aos seus ouvintes, de que a promessa dada aos pais Deus cumprira aos que estavam presentes, aos seus filhos, no fato de que ressuscitara Jesus dentre os mortos. E no caso de o testemunho das testemunhas oculares não lhes parecer suficiente, Paulo traz provas das Escrituras. Havia as palavras do Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Ele era o eterno Filho de Deus, tendo a posse plena da vida eterna. Por isso, foi-lhe impossível permanecer na morte; precisou ressuscitar e dar expressão total da vida que lhe pertencia desde a eternidade. A segunda passagem da Escritura que Paulo acrescenta para provar que a ressurreição de Cristo estava de acordo com a profecia, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, e que ele nunca jamais devia retornar à corrupção e à deterioração, que pareceram envolvê-lo quando esteve deitado no túmulo, foi tirada de Is. 55. 3, e citada do texto grego. Deus promete nela ao seu povo fazer um pacto eterno com ele, dando-lhe as santas e certas bênçãos de Davi. A sagradas promessas dadas a Davi só podiam ser realizadas no triunfo, na ressurreição, do Santo de Deus; tão somente no Cristo vivo as bênçãos do evangelho podem ser ratificadas e asseguradas. “Se agora este Cristo, por meio do qual este pacto é feito, verdadeiro homem, como ele foi prometido do sangue e da carne de Davi, deveria trazer e dar graça eterna, razão pela qual Ele precisou ser Deus, a quem tão só pertence conceder isto, então ele não pode permanecer na morte, ainda que ele morre como qualquer homem natural, mas precisa ele mesmo ressuscitar dentre os mortos e dar a vida eterna, para que possa de fato ser chamado e ser um eterno Rei da graça, da justiça e da vida, tal como Deus o prometeu solidamente.”<sup>24)</sup> A passagem final que Paulo cita é a mesma que Pedro usara em seu grande sermão pentecostal, Sl. 16. 10: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção. Pois, como o orador corretamente argumenta, estas palavras não podem dizer respeito a Davi, visto que ele, depois de ter realizado a obra de seu ofício em benefício de sua própria geração, adormeceu, segundo a vontade de Deus, e realmente viu a corrupção e a decomposição na morte. Este Cristo, porém, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos e também exaltou à glória divina, não viu corrupção, e não foi sujeito à decomposição. Em todo o Antigo Testamento não

---

<sup>24)</sup> 48) Lutero, 12.511.

se encontra uma predição mais direta e explícita da ressurreição de Jesus, e todos os ouvintes devem ter sentido a força destas palavras.

A conclusão do sermão: *V. 38) Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; 39) e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as cousas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. 40) Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas: 41) Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecí, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não creereis se alguém vo-la contar. 42) Ao saírem eles, rogaram-lhes que no sábado seguinte lhes falassem estas mesmas palavras. 43) Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram a Paulo e a Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiram a perseverar na graça de Deus.* Visto que os fatos acrescentados por Paulo provaram a messianidade de Jesus, pôde ele agora continuar seu discurso oferecendo aos seus ouvintes o benefício da mediação de Cristo perante Deus. É sua vontade que todos entendam claramente que por meio de Cristo, ou seja, por meio do poder e da perfeição da redenção que ele operou, é-lhes anunciado perdão de pecados, não como um prêmio que deve ser conquistado ou merecido, mas como um dom que deve ser aceito. Paulo declara literalmente: E de tudo aquilo de que não podiam receber absolvição e justiça pela lei de Moisés, nisso cada um que crê está justificado. Paulo, longe de conceder à lei qualquer habilidade para justificar, ao contrário nega que haja algo como justificação pela lei. Ele apela para a experiência de seus ouvintes. Apesar de todos os esforços deles para cumprir a lei, precisaram ter o sentimento que tais esforços eram totalmente inadequados. Quanto mais se esforçavam viver conforme cada exigência da lei, tanto mais precisaram sentir a condenação e não a justificação da lei. Por isso era tanto mais necessário que se voltassem para Cristo em quem todo aquele que crê está justificado. Suas palavras subentendem que a justificação, a justiça de Jesus, está presente diante de todas as pessoas, mas que unicamente aqueles que pela fé aceitam suas bênçãos realmente se juntam às fileiras daqueles que estão justificados diante de Deus. Paulo, para gravar estes últimos pontos em sua audiência, acrescenta uma última palavra de advertência. Deviam ter o cuidado para que o que foi dito no livro dos profetas não encontrasse neles sua aplicação, Hc. 1. 5: *Vede, gente sem pudor, maravilhai-vos, e perecei, pois em vossos dias faço uma obra, uma obra que vós não ireis crer, mesmo que alguém a exponha a vós. Este é o castigo que acerta aos que desprezam a mensagem do evangelho e endurecem seus corações contra suas glórias. Vêem, mas não entendem; maravilham-se, mas não crêm; tornam-se a presa da morte espiritual e, finalmente, da eterna. A obra maravilhosa da redenção por meio dos méritos de Cristo, que foi realizada perante os olhos deles, essa eles não querem e finalmente não podem crer, não importando quantas vezes ela lhes tenha sido retratada. Esta advertência é plenamente justificada em nossos dias. Todo aquele que ouve e lê a palavra do evangelho devia estar certo de aplicá-la a si mesmo e aceitar o conforto do perdão de pecados que Cristo alcançou, para que não receba em vão a misericórdia de Deus. O discurso de Paulo teve profunda impressão, ainda que não ocorresse alguma reação emocional imediata. Quando ele e Barnabé deixavam a sinagoga, aqueles que estiveram presentes sinceramente lhes pediram para repetirem todas estas palavras, para lhes proclamarem a mensagem evangélica novamente nalgum dos dias entre o sábado, isto é, na segunda e terça-feira, quando também eram realizados cultos na sinagoga. E quando os cultos matutinos haviam chegado ao fim e despedida a assembléia, muitos dos judeus, dos descendentes de Abraão, bem como piedosos prosélitos que eram os gentios que haviam aceito a doutrina judaica e que se haviam tornado prosélitos da aliança por meio da circuncisão, seguiram a Paulo e Barnabé, tendo os missionários usado a oportunidade para lhes falar e para os exortar para permanecer firme na graça de Deus. Quando pessoas em algum momento mostraram algum interesse na mensagem do evangelho, então sempre de novo precisam ser encorajadas para lançar sua confiança na graça de Deus e nela permanecer firmemente. O poder do Espírito que está na mensagem fará o resto.*

Oposição da parte dos judeus: *V. 44) No sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus. 45) Mas os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava. 46) Então Paulo e Barnabé, falando ousadamente disseram: Cumpria que a vós outros em primeiro lugar fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. 47) Porque o Senhor assim no-lo determinou: Eu te*

*constitui para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra.* O fruto do primeiro sermão de Paulo e das atividades dos dois missionários, feitas durante a semana, se tornaram visíveis no sábado seguinte. Quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor, sendo certamente o maior ajuntamento de pessoas que a sinagoga já tivera. Mas quando os judeus viram as multidões que se reuniram com o objetivo de ouvir o evangelho, se encheram de inveja irracional. Tentaram persuadir a si mesmos que esta demonstração redundava em desacato à lei de Moisés, e começaram a contradizer às palavras de Paulo e, por fim, até a blasfemar. Notemos: Toda e qualquer contradição proposital ao evangelho e suas virtudes é uma blasfêmia a Cristo e sua salvação, e quando, além disso, o nome de Cristo é vituperado, a transgressão assume um aspecto muito sério. Agora, porém, Paulo e Barnabé se encheram de coragem para confirmar, de modo destemido e claro, sua posição. Disseram aos furiosos judeus que era necessário que a palavra de Deus fosse pregada primeiro a eles, pois é assim que deve ser entendido mandamento do Senhor, Mc. 16. 15; Lc. 24. 47, e por isso eles haviam observado a regra: Primeiro os judeus. Visto porém que agora estavam deliberadamente repelindo o evangelho e suas bênçãos, e, desta forma, julgaram a si mesmos como indignos da vida eterna, os apóstolos já não mais sentiram a menor hesitação em voltar-se aos gentios. Pois este rumo concordava exatamente com a profecia, que agora assumiu a força duma ordem, Is. 35. 6: Eu te constituí, te aponte, como uma luz dos gentios, para ser salvação, para trazer redenção, aos confins da terra. Assim foi a promessa de Deus, em palavras dirigidas ao Messias, no Antigo Testamento, e estas palavras deveriam encontrar seu cumprimento no Novo Testamento. Notemos: Quando uma pessoa tem a oportunidade de ouvir o evangelho e de aceitar sua mensagem salvadora, mas, então, de modo deliberado, a despreza, então ela não tem a culpar ninguém a não ser a si mesma quanto à condenação e maldição que segue. “Pois visto que nossa natureza é corrupta pelo pecado, digna e merecedora da ira de Deus e da maldição, por isso Deus não nos deve nem Palavra, Espírito, nem graça, e quando ele os concede por graça, nós, não pouco, os rejeitamos, e nos tornamos indignos da vida eterna.”<sup>25)</sup>

Sucesso e perseguição: *V. 48) Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna. 49) E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região. 50) Mas os judeus instigaram as mulheres piedosas de alta posição e os principais da cidade, e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os do seu território. 51) E estes, sacudindo contra aqueles o pó de seus pés, partiram para Icônio. 52) Os discípulos, porém, transbordavam de alegria e do Espírito Santo.* A referência de Paulo e Barnabé à passagem de Isaías e a sua aplicação à situação atual encheu de grande alegria os gentios presentes. Tiveram, talvez, a idéia, como tantos outros, que a redenção era só para os judeus, ou ao menos que a única maneira para obter as suas bênçãos era juntar-se, primeiro, à igreja judaica pelo rito da circuncisão. Por este menino louvaram a palavra do Senhor, pela qual eles estiveram certos da aceitação direta no reino de Deus, sem o processo intermediário de se juntar à sinagoga judaica. E eles creram, na verdade, não todos, mas todos quantos haviam sido ordenados ou indicados por Deus para a vida eterna, não em consequência dum decreto absoluto, mas em Cristo Jesus, por meio da redenção em seu sangue, Ef. 1. 4,5. A fé deles foi o resultado desta determinação e presciência de Deus, ou sua predestinação, da qual é falado longamente em outras passagens das Escrituras, Ef. 1. 3-6; Rm. 8. 28-30. Todo este fato é uma fonte de grande consolo. A fé dum cristão e a sua preservação nesta fé não são um assunto que depende de sua própria razão e força, que, quando muito, formam uma base precária, mas na graça de Deus em Cristo Jesus, que lhe está assegurada desde antes da fundação do mundo. “A eterna eleição de Deus, porém, não só vê e sabe antecipadamente a salvação dos eleitos, mas, por graciosa vontade e beneplácito de Deus em Cristo Jesus, também é causa que cria, opera, ajuda e promove a salvação e tudo o que a ela pertence. A nossa salvação está fundamentada nisso de maneira tal, que ‘as portas do inferno’ nada podem contra ela, como está escrito:...”<sup>26)</sup> E creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna”<sup>26)</sup> O efeito desta aceitação entusiasmada da palavra foi também sentido em círculos sempre mais amplos, pois a palavra do Senhor foi levada por toda esta região. Ela se

<sup>25)</sup> *Form. Conc. Mueller, 717.*

<sup>26)</sup> *Livro Conc. F.C. S.D. XI, 8 (cf. Mueller, ibidem 705).*

espalhou não só em Antioquia, mas se difundiu amplamente por todo o distrito da Pisídia que ficava adjacente à cidade. Mas os judeus, que agora eram mais furiosos do que nunca por causa do sucesso do evangelho, exortaram, ou incitaram, as mulheres das famílias dominantes e de maior influência na cidade, das quais provavelmente se achegaram por meio de suas próprias esposas. Estiveram envolvidas as famílias melhores da cidade, incluindo a classe administrativa, as forças sociais e políticas do distrito foram arroladas contra eles. Foi desta forma que foi levantada uma perseguição contra Paulo e Barnabé, que foram expulsos da cidade, neste caso não por uma oclocracia, mas por uma ação dos magistrados. Provavelmente foi-lhes ordenado deixar imediatamente a cidade e acompanhados, não de modo muito gentil, pela polícia. Mas os missionários, nem um pouco atemorizados, sacudiram o pó dos pés contra eles, num sinal de protesto, e de testemunho e advertência, Mt. 10. 14; Mc. 6. 11; Lc. 9. 5, e se dirigiram para a cidade de Icônio como sua próxima parada. E os discípulos que haviam sido conseguidos, longe de se sentirem desencorajados ou tomados de tristeza e medo, ao contrário, foram fortalecidos em sua fé e tomados de alegria e do Espírito Santo. Mesmo a ignominiosa expulsão dos mestres foi uma prova adicional da verdade das palavras do Senhor, e no que dizia respeito à fé deles, nenhum poder humano foi capaz de privá-los de sua certeza e alegria, visto que eram dons do Espírito Santo. Ódio e oposição ao evangelho de Jesus Cristo terão como efeito perseguição sempre que os inimigos puderem alcançar ou criar uma oportunidade. Mas, quanto mais o mundo zomba e os ímpios esbravejam, tanto maior é o consolo que os cristãos têm em sua fé.

**Resumo:** Em sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé fazem uma excursão a Chipre, então cruzam para Perge, na Panfilia, e viajam para Antioquia na Pisídia, onde Paulo com grande sucesso prega o evangelho; mas os dois mestres são expulsos da cidade, por causa do ódio e da inveja judaicos.

## Capítulo 14

### Paulo E Barnabé Em Icônio e Listra. At. 14. 1-18.

Sucesso e perseguição em Icônio: *V. 1) Em Icônio Paulo e Barnabé entraram juntos na sinagoga judaica, e falaram de tal modo que veio a crer grande multidão, tanto de judeus como de gregos. 2) Mas os judeus incrédulos incitaram e irritaram os ânimos dos gentios contra os irmãos. 3) Entretanto, demoraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que por mão deles se fizessem sinais e prodígios. 4) Mas dividiu-se o povo da cidade: uns eram pelos judeus; outros pelos apóstolos. 5) E, como surgisse um tumulto dos gentios e judeus, associados com as suas autoridades, para os ultrajar e apedrejar, 6) sabendo-o eles, fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e circunvizinhança, 7) onde anunciavam o evangelho.* Paulo e Barnabé, ao deixar Antioquia, se voltaram para o leste, seguindo viagem numa distância de uns 100 Km sobre um planalto povoado de incontáveis rebanhos de ovelhas e cabras, depois cruzaram pequena crista montanhosa, e alcançaram a cidade próspera de Icônio, a qual hoje ainda existe sob o nome de “Konieh” (não achei em português). Ele se situa no alto duma vasta planície que se estende para o leste, sendo bem irrigada e por isso importante tanto para a agricultura como para a pecuária. Muitos viajantes comparam Icônio com Damasco, sejam quanto à localização ou quanto à beleza. Em ambos os casos a história antiga, também, está envolta nas névoas dos tempos pré-históricos. Devia ser recordado que a província romana da Galácia ocupava a parte leste da antiga Frigia, e incluía tanto a região da Pisídia como a da Licaônia. Por isso Icônio, a metrópole da Frigia licaônica ocidental e central, sendo por isso completamente frigia no falar, foi, conforme sua administração, uma cidade da Galácia. “Naturalmente os romanos falavam de Icônio como situada na semibárbara Licaônia; mas o povo sempre os distinguiu do povo de Licaônia, preferindo pensar neles como cidadãos duma cidade frígio-helênica. Mesmo as cidades mais distantes do norte da Galácia se referiam a eles como ‘gálatas’ que gostavam de serem saudados desta forma. A cidade era fortemente romana e recebeu um nome imperial A.D.

41.<sup>27)</sup> Sendo Icônio um importante centro comercial, tinha ela por isso uma forte população judaica, como também uma sinagoga. Paulo e Barnabé, conforme seu costume, foram à sinagoga e se dirigiram à audiência presente, a qual não só se constituía de judeus, mas também de prosélitos gregos, e provavelmente outros gregos favoravelmente inclinados para a religião dos judeus. E a fala ou testemunho deles fez tal impressão, que creu uma grande multidão tanto de judeus como de gregos. O poder convencedor das evidências do evangelho, a sinceridade como ele foi apresentado, e em especial o poder do Espírito que estava na palavra transmitiu convicção aos ouvintes. Porém, não durou muito que acontecesse o mesmo que acontecera em Antioquia. Os missionários, por considerável tempo, de fato, não foram obstruídos no destemido falar do Senhor, o qual também confirmou a palavra de sua graça, a qual tanto proclamava como também transmitia esta graça, por meio do testemunho de sinais e milagres operados pelas mãos dos apóstolos. Mas o sucesso que acompanhou a pregação da palavra fez chiar os judeus que se recusaram a crer. Estes, por isso, começaram e persistiram no empenho de incitar e exasperar as almas do povo, ou seja, os sentimentos dos gentios, contra os irmãos. Como conseqüência desta persistente agitação o populacho da cidade se dividiu, sendo que algumas pessoas tomaram partido com os judeus insatisfeitos, outras o dos apóstolos; mas a parte que se levantou em favor da verdade e da imparcialidade, como via de regra acontece, não foi tão ativo como a seguiu a discórdia. Foi assim, que os agitadores, finalmente, provocaram seus adeptos e mais outras pessoas a uma agitação tão intensa que se formou uma turba formada tanto por gentios como por judeus e seus chefes. Estava para irromper o tumulto com intenções hostis, sendo o plano principal abusar de Paulo e Barnabé, o que consistia em tratá-los com desprezo e apedrejá-los, quando as visadas vítimas descobriram a violência que estava sendo tramada. Visto que uma turba está absolutamente fora da razão e do senso, sendo seu objetivo único derramar sangue, e só se mostrando tratável diante duma demonstração efetiva de poder espiritual ou físico, os missionários não julgaram que favorecesse a causa do Mestre se esperassem por esta investida furiosa, mas fugiram da cidade. Não ficando Icônio longe dos limites da região da Licaônia, cruzaram a fronteira e foram para Listra, numa distância de uns 32 Km.<sup>28)</sup> Era uma cidadezinha que ficava nas montanhas e uma colônia romana, havendo ali uma guarnição romana, ao menos por algum tempo. A língua nativa, por isso, teve que lutar com a influência da língua latina. Os arredores da cidade eram em geral mais gentios e menos atingidos pela influência judaica do que nos casos de Icônio e Antioquia. A outra cidadezinha, Derbe, chamada uma cidadezinha do distrito ao qual Paulo e Barnabé fugiram, também ficava na Licaônia romana, localizando-se no declive sudeste da planície licaônica, mas nos contrafortes do lado norte das Montanhas Tauro, próximo à montanha cônica que hoje é conhecida como *Hadje-Baba*, e não tão distante do passo conhecido como os Portais Cilicianos, que leva a Tarso. Barnabé e Paulo estiveram agora envolvidos por algum tempo nesta região, que era última fronteira da influência romana, na pregação do evangelho, aparentemente não tendo oposição. A perseguição aos cristãos e a fuga destes, desta forma, sempre serviu de suporte à difusão do evangelho.

Um milagre e seu efeito sobre o povo: V. 8) *Em Listra costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar.* 9) *Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado,* 10) *disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os teus pés. Ele saltou e andava.* 11) *Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua licaônica, dizendo: Os deuses, em forma de homens baixaram até nós.* 12) *A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra.* 13) *O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar juntamente com as multidões.* Não tendo havido, aparentemente, uma sinagoga em Listra, Paulo e Barnabé pregaram no espaço vazio junto aos portões da cidade ou no mercado. Pois bem, certo homem de Listra era aleijado desde seu nascimento e não tinha força em seus pés para se pôr de pé. Nunca fora capaz de fazer um passo, mas, via de regra, estava sentada no chão perto dos lugares onde as pessoas se reuniam ou passavam. Foi assim que sua história, principiando desde a infância, era bem conhecida na cidade. Este homem escutou de modo

<sup>27)</sup> 51) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 528; Ramsay, *The Cities os St. Paul*, 317, 343.

<sup>28)</sup> 52) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 414, 520.

atento e sincero quando Paulo falava e se dirigia às multidões que, de tempos em tempos, se reuniam, e, sendo a atenção de Paulo dirigida ao aleijado, fixou nele seus olhos para concluir por meio deste exame minucioso se o homem infeliz aprendera e compreendera o suficiente do poder do Salvador para crer se podia ser curado. Paulo, tendo-lhe sido satisfeito este ponto, gritou em alta voz ao aleijado: Ergue-te agora mesmo sobre teus pés. E o homem, sem qualquer assistência, saltou sobre seus pés e começou a andar. Por meio da boca de Paulo o poder do Cristo exaltado realizara este milagre. As multidões presentes viram o que Paulo fizera, e depois do impacto da primeira surpresa só tiveram uma explicação a dar, aquele que suas mentes gentias imediatamente lhes sugeriram, a saber, que algum dos seus deuses, tendo assumido a semelhança de homens, descera a eles. Segundo esta idéia, que eles expressaram em sua língua nativa, que era a da Licaônia, ainda que sabiam e compreendiam muito bem o grego, sugeriram que Barnabé fosse chamado Zeus (Júpiter), que era considerado o deus principal dos gregos e dos romanos, e Paulo, Hermes (Mercúrio), visto que se supunha que ele fosse o mensageiro dos deuses aos homens, e porque Paulo via de regra liderava as discussões. Uma inscrição encontrada em algumas ruínas perto da antiga Listra, faz poucos anos, mostra que estes dois deuses eram classificados juntos pelos habitantes dessa região.<sup>29)</sup> Havia também perante a cidade um templo ou um lugar para sacrifício a Júpiter, e o sacerdote gentios encarregado a este lugar de culto fez que os servos trouxessem imediatamente bois e coroas de flores até os portões da cidade, próximo aos arcos de entrada onde o povo estava reunido. Sua intenção foi trazer juntamente com o povo sacrifício aos dois missionários. Esta cena mostra as trevas e a cegueira do paganismo. Os gentios não só servem a ídolos mortos, mas até tomam homens por deuses e muitas vezes lhes oferecem sacrifícios e adoração. Certamente é um sinal dos tempos que se está tornando costumeiro louvar até ao céu os méritos daqueles que prestaram um serviço extraordinário à região, literalmente, idolatrá-los e adorar diante deles. Isto não só é revoltante do ponto de vista da razão humana, como também indica que o mundo elegante de nossos dias rapidamente retorna ao nível dos gentios e nele afunda.

O pronunciamento horrorizado de Paulo: *V. 14) Porém, ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: 15) Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; 16) o qual nas gerações passadas permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; 17) contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e de alegria. 18) Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecer sacrifícios.* Evidentemente houve aqui uma situação bilíngüe que complicou as coisas. Ainda que os habitantes da cidade estivessem plenamente capazes de usar a língua grega em negócios e em coisas da vida diária e também podiam entender muito bem aos missionários, sua língua de religião era o idioma que sempre vinham empregando para isso. Paulo e Barnabé, muito provavelmente, não compreenderam as gritarias do povo, pois ainda que Paulo, ao menos, possuía o dom de línguas, 1.Co. 14. 18, isto não significa que ele sempre o tivesse em seu poder. Mas na notícia do planejado sacrifício foi logo trazido aos ouvidos dos dois apóstolos, fosse isto quando ainda estiveram envolvidos com seu ensino, ou fosse quando haviam já retornado aos seus lugares de hospedagem. Sumamente chocados com a própria idéia do sacrifício planejado, tanto Paulo como Barnabé rasgaram seus mantos num sinal de profunda tristeza, angústia e horror, Gn. 37. 29, 34; Js. 7. 6, e saltaram para o meio da multidão, clamando em voz alta, principalmente, para chamar a atenção rapidamente. Eles clamaram: Homens, o que é que estais fazendo? Expuseram que eram homens, seres humanos, com os mesmos afetos como os cidadãos de Listra. Como todos os demais seres humanos eles tinham os mesmos poderes e apetites, necessitavam de sustento e vestes na mesma maneira, e estavam sujeitos à morte. Não pregaram a si mesmos nem se apresentaram para serem adorados, mas foram mensageiros que traziam uma boa e maravilhosa notícia de salvação, a saber, que as pessoas de Listra se voltassem, se afastassem completamente das vaidades que professavam e praticavam, dos seus ídolos e seu culto. Fazendo-o, se tornariam ao Deus vivo, o único Deus que foi o Autor e Dispensador da

---

<sup>29)</sup> 53) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 526.

vida. Pois este verdadeiro Deus quem fez os céus e a terra e o mar e tudo o neles há. Cf. cap. 17. 24. Este Deus vivo dera provas de seu poder e vida no ato da criação; assim o Deus da criação e o Deus da redenção é um só. Aqui Paulo, como um missionário sábio e cauteloso, apelou ao conhecimento da religião natural, a fim de edificar sobre ela a beleza da religião revelada. Esteve implícito na admoestação de Paulo para que o povo se voltasse da vaidade e tolice de sua idolatria, de que seus caminhos haviam sido caminhos errados. Deus havia mostrado, em tempos que agora estavam no passado e que nunca mais retornariam, clemência e paciência, quando deixou que todas as nações andassem por seus próprios caminhos. Ele não abateu e destruiu os gentios que haviam seguido idolatria, mas permitiu que vivessem, visto que sempre havia a oportunidade para que eles buscassem e aprendessem a conhecer o verdadeiro Deus, cap. 17. 30. Ainda assim, como Paulo destaca, mesmo durante aqueles tempos Deus não se deixou ficar sem testemunho. Sua atividade beneficente contínua e sua bondade foram manifestadas no seu fazer o bem, em sua concessão de chuvas e tempos frutíferos, deste os céus, donde provêm todas as coisas boas, Tg. 1. 17, sendo ele quem encheu os corações deles de alimento e bom ânimo. Ele diz a propósito “corações” e não “corpos”, porque deseja conduzir seus ouvintes do mero cuidado pelo corpo e por esta vida presente ao cuidado de suas almas imortais. Foi uma maneira delicada, mas não menos impressionante, para recordar o fato que eles não haviam sido inculpáveis nos tempos idos, visto que a evidência do poder criador de Deus e de sua providência haviam sido aparentes a cada instante para conduzi-los a buscar mais diligentemente ao Deus verdadeiro. A fala só com dificuldade acalmou o povo e impediu que executassem sua intenção de oferecer sacrifícios a Paulo e Barnabé. O comportamento dos dois missionários serve como exemplo para os missionários de hoje. Sempre é tolice adaptar, isto é, acomodar a religião cristã a práticas pecaminosas e idólatras, com a enganadora desculpa, que isto é necessário para conquistar a confiança das pessoas. A confiança das pessoas não pode ser conservada com a negação da verdade. Qualquer forma de oposição a Deus, como o são a idolatria, o culto ao mamom, ao mundo, precisa ser apontada como tal, e isto, não por meio dum zelo sem tacto, mas à medida que os fatos aparecem. Com base em instruções assim pode ser erguida a pregação do evangelho e a fé verdadeira e salvadora pode ser operada pelo Espírito de Deus.

*A Viagem De Retorno Para A Síria.* At. 14. 19-28.

Violência da multidão em Listra e o evangelho em Derbe: *V. 19) Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade dando-o por morto. 20) Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. No dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe. 21) E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade, e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio e Antioquia, 22) fortalecendo as almas dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus. 23) E, promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido.* A notícia deste acontecimento singular, em que homens quase haviam sido adorados como se fossem deuses, viajou rapidamente pelas rotas de comércio, alcançando, primeiro, Icônio e logo depois Antioquia, na Pisídia, tendo os judeus concluído imediatamente que os dois homens não podiam ser outros do que Paulo e Barnabé que eles haviam perseguido. O fato que estes homens estavam realizando sua missão em outras cidades da província irritou tanto alguns dos judeus que estes não hesitaram em fazer a longa viagem até Listra. Aqui trabalharam assiduamente para persuadir as multidões, convertendo-as rapidamente numa turba que, desta forma, demonstrou novamente a instabilidade de temperamento e o capricho do favor que caracteriza as multidões. Parece que o ataque a Paulo foi repentino, enquanto ele cuidava de suas obrigações. Apedrejaram-no e então o arrastaram para fora da cidade, supondo que tivesse morrido, e dispostos para abandonar seu corpo ao seu próprio destino, como se fosse algum animal selvagem. Mas, quando os assassinos haviam saído de sena, vieram os discípulos, alguns dos que nesta cidade também haviam sido ganhos, para investigar, e quando estiveram parados ao redor de Paulo, provavelmente considerando sobre o melhor modo para o sepultar, então ele se ergueu e entrou na cidade. O Senhor colocara sua mão protetora sobre seu servo e prevenira que as pedras pudessem ter um

efeito mortífero sobre seu corpo. Ao apóstolo, porém, esteve claro que sob estas circunstâncias ele não poderia esperar por sucesso nesta cidade. Os agitadores ainda estavam presentes, e as mentes das pessoas haviam sido predispostas contra o evangelho. Por isso, imediatamente, no dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe, numa viagem de uns 36 Km., que ficava quase na fronteira ciliciana. Aqui seus esforços renderam rápido sucesso: pregaram incessantemente o evangelho, levando a esta cidade as boas novas. Fizeram muitos discípulos, fundando, desta forma, também aqui uma congregação que se constituía quase que só, se não totalmente, de gentios. Agora Paulo poderia ter feito com facilidade a viagem até Tarso, para se fortalecer e recuperar do esforço desgastante desta viagem missionária. Mas seu amor e sua solicitude pelos convertidos recém ganhos moveu-o a fazer a viagem de volta pela mesma rota, parando pela ordem em Listra, em Icônio e em Antioquia. Ele, por meio da pregação evangélica pura e por meio de admoestação evangélica, confirmou e fortaleceu em cada cidade as almas dos discípulos. Visto que, pelo afastamento de Paulo, perseguição lhes sobreviera, ao menos de modo indireto, ele os exortou e seriamente instou com eles, para permanecer ou continuar ou ficar na fé. Eles, tendo aceitado em firme confiança a Cristo como seu Salvador, não deviam permitir que tribulações e perseguições lhes tirassem esta fé dos corações. Pois, via de regra, é verdade quantos aos cristãos: Por meio de muitas tribulações devemos entrar no reino de Deus. Este é o quinhão inevitável dos que crêem, é o que precisam esperar em meio duma geração corrupta e hostil. Precisam dum encorajamento assim os cristãos de todos os tempos, a saber, de serem firmes em meio à cruz e à perseguição. Na mesma viagem Paulo e Barnabé, igualmente, fizeram que as congregações de cada cidade elessem por meio de voto popular, levantando as mãos, anciãos em cada congregação. Foram os próprios cristãos que em seu meio estabeleceram o ministério do ensino da palavra de Deus, para que os discípulos fossem conservados na fé, e mais outras almas fossem ganhas para Cristo. Notemos: Aqui os apóstolos não usaram quaisquer poderes hierárquicos, mas entregaram nas mãos das congregações o assunto de eleger seus ministros. A congregação cristã se utiliza deste poder especial da igreja e sempre devia conservar este direito. Finalmente Paulo e Barnabé por meio de oração e jejum encomendaram todos os irmãos ao Senhor. Estão seguros na guarda e no cuidado do Senhor. Seu cuidado pode protegê-los contra a oposição e confortá-los quando em perseguição. Os apóstolos encomendaram ao Senhor aqueles que creram; pois é só pela fé que é estabelecida a comunhão com o Senhor, e só pela fé pode ser mantida.

A última parte de sua viagem de retorno: *V. 24) Atravessando a Pisídia, dirigiram-se a Panfília. 25) E, tendo anunciado a palavra em perge, desceram a Atália, 26) e dali navegaram para Antioquia onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já cumprido. 27) Ali chegados, reunida a igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrisse aos gentios a porta da fé. 28) E permaneceram não pouco tempos com os discípulos.* A Paulo foi impossível ficar inativo no serviço de seu Senhor enquanto voltava para a Síria. Foi assim que ele e Barnabé fizeram uma viagem missionária pela Pisídia, a província que ficava ao sul da Galácia romana. Desta forma alcançaram Panfília e se deram o tempo de falar a palavra de Deus em Perge, onde, segundo parece, não haviam parado em sua viagem para a região mais alta, cap. 13. 13. Incidentalmente parece que esperaram por uma oportunidade para viajar por água para a Síria. Oferecendo-se, porém, nenhuma oportunidade, desceram até a costa do mar, até ao porto de Atália, na Lícia, donde navegaram para Antioquia. Nesta cidade haviam sido apontados para seu ofício como missionários e sido encomendados à graça de Deus para a obra que agora haviam concluído. Em sua viagem haviam gozado a bênção singular e misericordiosa de Deus, e, acima de tudo, haviam recebido certeza plena que é a graça de Deus que capacita um homem para fazer a obra do evangelho, Ef. 3. 8. Por isso foi com o coração cheio de gratidão que retornaram para a congregação de Antioquia. Depois de sua chegada, houve, logo que possível uma assembléia da congregação, em que os dois missionários relataram na íntegra o sucesso de suas atividades, ou, como eles próprios o afirmaram, sobre quantas e grandes coisas Deus fizera com eles como instrumentos que eram de sua graça, e também em favor deles, estando com eles e auxiliando-os, tanto na realização da obra de sua vocação como em suportar a perseguição que lhes sobreviera. Sempre que o evangelho é pregado, é Deus quem precisa dar o crescimento. Fora ele quem abrisse aos gentios a porta da fé, tornando seus corações dispostos, e dando-lhes livre acesso à salvação de Jesus Cristo. Notemos: Sempre é do agrado de Deus quando os missionários prestam relatórios,

trabalhem eles em casa ou no exterior, de seu trabalho às congregações que os enviaram, mostrando, deste modo, que Deus está presente no trabalho, e que ele abre as portas da pregação do evangelho. Depois disso, tanto Paulo como Barnabé passaram longo tempo com os discípulos de Antioquia, provavelmente mais de um ano, ocupados em sua atividade de pregar e conseguir novos membros para a congregação de Cristo.

**Resumo:** Paulo e Barnabé pregam o evangelho em Icônio, Listra e Derbe, suportando perseguição por causa do Senhor, e a seguir repassam seus passos com o fim de fortalecer os irmãos, continuam sua obra na Pisídia e na Panfília, retornando, finalmente, para Antioquia na Síria.

### **A Confiabilidade de Lucas como Historiador**

A Bíblia e seus conteúdos não precisam de defesa. Para nós cristãos a Bíblia é em todas as suas partes a inspirada palavra de Deus, cuja loucura é mais sábia do os homens. Assumindo esta atitude, não estrangulamos a razão, sabendo exatamente que as doutrinas das Escrituras, falando de modo rigoroso, não são contra a razão humana, mas tão só acima de além da razão. Por isso, quando estudamos a Bíblia, empregamos nossa razão de modo muito resoluto, mas sempre assim que a levamos cativa sob a obediência de Cristo. Este é o motivo, porque também chamamos bem-vindas todas as pesquisas da história e da arqueologia que forem lançar mais luz sobre as terras bíblicas, os costumes bíblicos, a língua da Bíblia, e sobre todas as demais perguntas que dizem respeito a uma melhor compreensão da Palavra da salvação. Por este motivo sentimos grande satisfação no fato que a confiabilidade de Lucas, como historiador, fora do fato da inspiração, foi estabelecido de modo muito glorioso pelas recentes investigações.

Certo número de anos ou décadas atrás, em especial no tempo quando a literatura teológica racionalista havia alcançado o auge de sua enchente e seu criticismo foi aceito, sem questionar, por grande parte da cristandade, então foram registradas muitas acusações contra Lucas como historiador. Foi afirmado que havia muitos enganos em seus relatos sobre o nascimento de nosso Senhor.<sup>30)</sup> Foi dito que Chipre, nos dias do apóstolo Paulo, fora uma província pretoriana e não consular, e que, por isso, Sérgio Paulo incorretamente foi chamado procônsul. Foi alegado que o conhecimento geográfico de Lucas sobre a Ásia Menor deve ter sido muito vaga, ou para o expressar de modo muito brando, que ele não sabia a que província pertenciam as cidades, e que, por isso, suas anotações geográficas eram totalmente inconfiáveis. Foi feita a acusação que foi um engano quando ele chama Filipe uma colônia.

O santo escritor, porém, tem sido defendido tão bem em cada ponto em particular, que os opositores se vêem forçados a retirar em completa desonra. Isto se deve ao zelo incansável e à ação vigorosa infatigável dum número de estudiosos, dentre os quais estiveram Duchesne e Collignon, Hamilton, Waddington, mas, acima de tudo, Sterret e seu livro *Epigraphical Journey in Asia Minor in 1884*, e Sir W. M. Ramsay, em sua série de monografias, dentre as quais devem ser mencionadas *Historical Geography of Asia Minor*, *St. Paul the Traveler and Roman Citizen*, *Pauline and Other Studies*, *Was Christ Born in Bethlehem*, *The Cities of St. Paul*, e *The Bearing of Recent Research on the Trustworthiness of the New Testament*. Os resultados destas pesquisas foram resumidos de modo hábil por Cobern em seu *The New Archeological Discoveries*.

Como citado acima, o fato que Sérgio Paulo não foi propretor mas procônsul de Chipre foi mostrado, tanto direta, como indiretamente. O fato que Paulo entrou na região de Licaônia quando se dirigiu para Icônio, e que esta cidade, incidentalmente, quando administrativamente considerada, foi contada com as cidades do sul da Galácia, recebeu confirmação que desfaz qualquer dúvida mais sensata. O fato que Filipos foi uma colônia no tempo de São Paulo foi provado pelo achado duma moeda que afirma este fato. Em resumo, as próprias pedras estão clamando em defesa dos relatos escriturísticos e da verdade da história do evangelho, como qualquer pessoa se pode convencer quando se entrega à tarefa benfazeja de pesquisar os livros mencionados acima. E cada nova descoberta, que traz mais testemunho sobre a verdade do

---

<sup>30)</sup> 54) Cf. o artigo acrescido a Lucas 2, “O alistamento de Quirino”.

relato da Bíblia, ajuda a tapar as bocas dos opositores, caso não os convence da verdade das Escrituras, sendo que, desta forma, é também aumentada a glória do Cristo exaltado.